

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO – MESTRADO
SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZONIA**

**CAMPEONATO DE FUTEBOL “PELADÃO INDÍGENA”
UM OLHAR SOCIOCULTURAL**

MIRIAM MARTINS VIEIRA DE SOUZA

MANAUS-AMAZONAS

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO – MESTRADO
SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZONIA**

MIRIAM MARTINS VIEIRA DE SOUZA

**CAMPEONATO DE FUTEBOL “PELADÃO INDÍGENA”
UM OLHAR SOCIOCULTURAL**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, em Julho de 2014. Trabalho efetuado sob a orientação da professora Doutora Artemis de Araújo Soares. Linha de Pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Artemis de Araújo Soares

MANAUS-AMAZONAS

2017

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S729c Souza, Miriam Martins Vieira de
Campeonato de Futebol "Peladão Indígena" : Um olhar
sociocultural / Miriam Martins Vieira de Souza. 2017
69 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Artemis de Araújo Soares
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Peladão indígena. 2. Futebol. 3. Socialização. 4. Etno-
desporto. I. Soares, Artemis de Araújo II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

MIRIAM MARTINS VIEIRA DE SOUZA

**CAMPEONATO DE FUTEBOL “PELADÃO INDÍGENA”
UM OLHAR SOCIOCULTURAL**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, em Julho de 2014. Trabalho efetuado sob a orientação da professora Doutora Artemis de Araújo Soares. Linha de Pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais.

Aprovada em 31 de Julho de 2014

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Artemis de Araújo Soares
Universidade Federal do Amazonas
(Presidente)

Prof. Dr. Afonso Celso Brandão Nina
Universidade Federal do Amazonas
(Membro)

Prof.^a Dr.^a Elenise Farias Scherer
Universidade Federal do Amazonas
(Membro)

MANAUS-AMAZONAS

2017

Este trabalho é dedicado:

A todos os indígenas que saem de suas terras em direção aos centros urbanos, em busca de dias se não melhores, pelo menos diferentes e ao chegarem se deparam com uma realidade brutal, que por vezes não há espaço para serem índio de direito.

AGRADECIMENTOS

Neste momento o sentimento de gratidão pulsa tão forte em mim, que sinto vontade de agradecer até as pessoas que por vezes dificultaram meus caminhos nesta jornada, mas, cabe aqui prestigiar aqueles que me foram tão urgentes e necessários quando precisei e quantas vezes precisei... De uma palavra de incentivo, de um colo amigo, daquele livro, ou até mesmo de um puxão de orelha, aquela sacudida, enfim de pessoas amigas que acreditaram em mim quando por inúmeras vezes pensei em desistir (o fardo foi grande, mas, Deus me deu amigos que o carregaram junto comigo). Não pretendo me alongar, mas quantas vezes temos oportunidade e uma folha em branco para agradecer as pessoas que de fato merecem?! Pessoas que fazem e que fizeram diferença no nosso dia-a-dia. Agradeço a Deus primeiramente, por ter me dado à vida e com ela o dom de sonhar, pensar e querer ir mais além. Agradeço esta vida à Maria Elizabeth Martins, pois foi ela quem me gerou e me ensinou o valor do estudo, mesmo muitas vezes não acreditando em mim, mas quem disse que é fácil acreditar nos sonhos de um filho? Ainda mais quando é apenas um entre sete filhos?! Quando o que se tem para oferecer é o básico e nada além?! Então, hoje, defender uma dissertação de mestrado é saber que minha mãe está colhendo os frutos que um dia plantou com o meu nascimento e como é bom saborear o doce sabor dos frutos da vitória, daquilo que deu certo em meio há tantas incertezas e dissabores. Mãe esta vitória também é sua. A minha orientadora Artemis de Araújo Soares que por vezes me carregou “ladeira a cima”, sempre acreditando, brigando, incentivando, elogiando, orientando e cada orientação, cada encontro era uma lição diferente, lições estas que jamais me esquecerei. Obrigada professora Artemis, por ter me aceitado como orientanda neste curso de mestrado. Para a senhora, professora ainda guardo uma história e aqui compartilho ela: Quando resolvi concorrer a seleção para o curso de mestrado, tinha em mente muitas ideias de projetos de pesquisa, mas me resolvi por um tema específico, um tema que eu tinha plena certeza, que caso obtivesse êxito na seleção a senhora seria minha orientadora, graças a Deus que escolhi escrever sobre o “Peladão Indígena” e puder tê-la como minha orientadora, pois sei que todas rosas possuem espinhos e nesta etapa da vida não seria diferente. Agradeço em especial ao

Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, por ter me aceitado e me proporcionado a vivência de um mestrado, aos professores do PPGSCA, na pessoa da Prof.^a Dr.^a Rosemara Staub de Barros, coordenadora do programa na data de minha aprovação e a Prof.^a Dr.^a Marilene Corrêa atual coordenadora, aos meus queridos e inestimáveis professores, Prof. Dr. Nelson Noronha, Prof.^a Dr.^a Selda Valle, Prof.^a Dr.^a Elenise Sherer, Prof.^a Dr.^a. Yossiko Sasaki, Prof.^a Dr.^a Simone Eneida Baçal, aos meus nobres colegas, tão necessários nesta árdua jornada, Olvídia Dias, Rooney Vasconcelos, João Gustavo Kienen, Priscila Pinto, Priscilla Lima, Roseane Cabral, Adu Shwade. Lara Flor, Ivone Andrade e Socorro Lima, dividimos o mesmo tempo e o mesmo espaço, trabalhos acadêmicos, dúvidas e quantas dúvidas?! E agora compartilhamos a felicidade de encerrarmos juntos esta etapa de nossas vidas. Agradeço a banca de defesa que com toda paciência dividiu seus conhecimentos comigo, possibilitando enriquecer este trabalho. Ao Sr. Arnaldo dos Santos Andrade, com qual puder contar com sua imensa colaboração permitindo-me pesquisar o Peladão. Agradeço aos meus amigos Lidiane da Costa, Lurdiane Cardoso, Thales Verçosa e Suzanna Thalita Martins. E agradeço principalmente ao homem que tem sido mais que um companheiro para mim, Adenildo Vieira de Souza, esposo e amigo, fonte de inspiração diária, pois para ele desejo ser melhor do que sou hoje. Só você meu amor sabe quantas lágrimas foram derramadas, quantas noites passamos acordados escrevendo trabalhos, artigos, capítulos... Nem em duas vidas eu terei ações suficientes que possam expressar minha gratidão por você ter vivido comigo este curso de mestrado. Amo você, por tudo aquilo que és e o que representa em minha vida. Obrigada a todos!

AGRADEÇO

**“As mais altas árvores são oriundas de
minúsculas sementes”
Chico Xavier**

RESUMO

O Campeonato Amazonense de Peladas ocorre há 40 anos, na cidade de Manaus, dentre as seis categorias existentes – Peladão, categoria principal; Peladinho; Peladão Master; Peladão Feminino; Peladão Indígena Masculino e Peladão Indígena Feminino – nos atentamos neste trabalho nas duas categorias indígenas. Com o objetivo principal de pesquisar quais os fatores socioculturais que concorrem para que o Campeonato de Peladas dos Povos Indígenas - Peladão Indígena - se mantenha como principal evento étnico-desportivo e cultural em Manaus. A pesquisa qualitativa de caráter interdisciplinar com apoio nas ciências da Educação Física, Sociologia e Antropologia, foi executada através de pesquisa de campo e entrevista realizada com os líderes dos times e pelo menos um jogador de cada time que já houvesse participado em pelo menos metade das edições. Também foi entrevistado em dois momentos o Sr. Arnaldo Santos atual coordenador do evento. Como resultado foi constatado que o sucesso e continuidade do evento dentro das categorias indígenas, se reforça por apresentar um forte cenário de representatividade étnico-cultural. Também oferece aos participantes a oportunidade de uma prática de lazer de fácil assimilação, o futebol.

Palavras-chave: Peladão Indígena; Futebol; Socialização.

ABSTRACT

The Amazonian Championship Peladas occurs 40 years ago in the city of Manaus, among the six existing categories - Naked Guy, Main category; Peladinho; Naked Guy Master; Naked Guy Male; Naked Guy Indigenous and Indigenous Male Female Naked Guy - pay attention in this work in two indigenous categories. With the principal of research which sociocultural factors that contribute to the Championship Peladas of Indigenous Peoples goal - Indigenous Naked Guy - remains the main ethnic and cultural-sports event in Manaus. Qualitative research with interdisciplinary support in Physics, Sociology and Anthropology, Education sciences was performed through field research and interviews conducted with leading teams and at least one player from each team who had already participated in at least half of editions. Was also interviewed on two occasions Mr. Arnaldo Santos current event coordinator. As a result it was found that the success and continuity of the event within indigenous categories, is reinforced by presenting a scenario of strong ethno-cultural representation. Also offers participants the opportunity to practical leisure easily assimilated, football.

Keywords: Indigenous Naked Guy; Football; Socialization.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AMARN – Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro
- APA – Área de Proteção Ambiental
- CIMI – Conselho Indigenista Missionário
- COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
- COMIN - Conselho de Missão entre Índios
- CONEP – Conselho Nacional de Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
- FUNAI – Fundação Nacional do Índio
- HEMOAM- Fundação de hematologia e hemoterapia do Amazonas
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Social
- ONG – Organização Não Governamental
- PPGSCA- Programa de Pós- graduação sociedade e cultura na Amazônia
- SEIND – Secretaria de Estado dos Povos Indígenas
- UFAM- Universidade Federal do Amazonas
- ULBRA- Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPITULO 1 – Contextualizando o futebol e os povos indígenas.....	18
1.1 – Do jogo ao Esporte.....	18
1.2- O futebol nas comunidades indígenas.....	26
1.3- Quem são e de onde vêm os indígenas urbanos.....	34
CAPITULO 2 – O Peladão Indígena - da criação à organização.....	39
2.1- O Peladão Indígena – a criação.....	39
2.2- A força Social do Campeonato Peladão em Manaus.....	43
2.2.1- As campanhas Sociais do Peladão.....	44
2.2.2- A beleza Indígena das <i>Rainhas</i> do Peladão.....	47
2.3- A projeção internacional do Campeonato.....	49
CAPITULO 3 - Um olhar Sociocultural- os elementos e as figuras que fazem do Peladão Indígena o motivo de ser.....	50
3.1- Jogar futebol tornou-se uma mania?	50
3.2- Os elementos Socioculturais que mantêm o Peladão indígena como principal encontro Étnico-desportivo e cultural em Manaus.....	54
3.2.1- O encontro com os Parentes e a Família.....	54
3.2.2- O papel da mulher atleta.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS.....	64

INTRODUÇÃO

O ser humano desde o seu nascimento é educado através de gestos, valores e normas sociais por meio das práticas corporais, de forma que “o indivíduo assimila uma série de movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros” (Mauss, 2003, p. 405), levando-nos ao entendimento de que as semelhanças ou diferenças físicas são frutos de um conjunto de significados que cada sociedade inscreve em seu corpo, ao longo do tempo, sendo o corpo “o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo, o meio técnico do homem é o seu corpo”, (Mauss, 2003, p.407) produzindo tudo aquilo que intitulamos práticas corporais.

No intuito de compreender os significados das práticas corporais procurou-se embasamento teórico em autores que abordam a temática do corpo entre as sociedades indígenas destacando-se Viveiros de Castro (1987) com a obra *A Fabricação do Corpo na Sociedade Xinguana*. O autor apresenta o pensamento do grupo Yawalapíti, para quem “o corpo humano necessita ser submetido a processos intencionais, periódicos, de fabricação, [...] sendo a causa e o instrumento de transformação em termos de identidade social” (p. 31).

Não há gesto que seja resultado de um processo biológico, mas que todo e qualquer gesto, do mais antigo, do mais simples e cotidiano, todos são atos ensinados intencionalmente no ser humano “pela autoridade social e para ela” (Mauss, 2003, p.420).

Le Breton (2012, p. 7) nos afirma tal pensamento ao dizer que “Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva;” e mais adiante (p.26) “O corpo é uma falsa evidencia, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural”.

Com a normatização dos corpos através desses atos sociais, temos além da fabricação a afirmação deste individuo pertencente a um determinado grupo social, levando este individuo a sentir a necessidade de recriar continuamente tais gestos fortalecendo o sentimento de pertencimento.

Em estudos realizados durante as onze edições dos Jogos dos Povos Indígenas por diversos pesquisadores, destacamos a fala de Almeida & Suassuna (2010):

Nas sociedades indígenas, a construção identitária se dá por meio das práticas corporais, que são bens culturais de natureza imaterial e expressam valor de referencia para cada povo. Tais práticas são constantemente recriadas, [...] proporcionando o sentido de continuidade, tendo como base suas tradições.

Estes mesmos autores nos explicam o significado das práticas corporais, que:

[...] vistas sob o aspecto sociocultural, as técnicas corporais podem ser entendidas como parte do movimento humano, que engendram, por meio de um gesto criado, sentido e significações ao passo que são transmitidas e, desta forma, se remetem as necessidades materiais e simbólicas (p. 58).

Tanto em Mauss, como em Viveiros de Castro e Le Breton podemos ver a continuidade do pensamento sobre *corpo* e *práticas corporais*, onde o ser humano tem suas técnicas corporais e expressões culturais formadas com base na educação em que seus corpos são submetidos, levando-nos a compreender que todos os modos de agir são técnicas e todas essas técnicas tem sua forma propriamente dita, fazendo perceber assim todo o arranjo social.

Na medida em que as diferentes sociedades se expressam por meio dos corpos de seus membros, esses são vistos como uma construção cultural, pois onde se manifestam as regras das relações humanas pode-se reconhecer uma cultura. A cultura ordena o meio a partir de regras; no caso do corpo, seu controle torna-se fundamental para o desenvolvimento de padrões culturais específicos.

Desta forma Geertz nos alerta que: “a cultura de uma sociedade consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros” (p. 8), “a cultura é, portanto publica, porque o seu significado o é” assim ele nos diz que “Uma vez que o comportamento humano é visto como ação simbólica, [...] o que devemos indagar é qual a sua importância: o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através da sua agencia.” (p.8)

Em Le Breton, (2012) podemos perceber que “De uma sociedade para a outra, a caracterização da relação do homem com o corpo e a definição dos constituintes da carne do individuo são dados culturais cuja variabilidade é infinita.” (p. 30). E mais adiante:

“[...] demonstra que a gestualidade humana é um fato de sociedade e de cultura e não de natureza congênita ou biológica destinada a se impor aos atores. [...] a sociologia mostra de maneira evidente que o homem é socialmente criador dos movimentos do corpo.” (p. 45).

Nas falas de Geertz e Le Breton fica evidente que a natureza gestual humana, a expressão de sentimentos e as percepções sensoriais, do mais elaborado ao mais simples, possuem significado e valor e que são criações de uma determinada cultura para ser realizada dentro de uma determinada sociedade, sendo esta uma criação cultural.

Assim, o homem de natural nada possui, pois tudo são técnicas corporais aprendidas e executadas, desde a escolha sexual, os gestos e gostos da infância à vida adulta, à terceira idade, e as habilidades que devem ser aprendidas, tais como: vestir, comer, andar, pensar e gostar e/ou praticar certas atividades recreativas e/ou esportivas.

Para Rodrigues (1975) *apud* Fassheber (2010) “a experiência do corpo é sempre modificada pela experiência da cultura”, desta forma, podemos concordar que as práticas corporais proporcionadas pelas atividades com fins recreativos ou esportivos propiciam ao corpo experiências fundamentais a vida cotidiana, assim, o esporte se torna uma ferramenta importante para ensinar e controlar os corpos dentro de cada sociedade.

Grando (2005) nos relata que “O esporte é utilizado como símbolo de desenvolvimento e progresso para a maioria dos povos.” E Murad (1996) que “O esporte é o lúdico socialmente organizado, institucionalizado, com regras aceitas internacionalmente, apresentando hierarquias, papéis e funções, como, de uma maneira geral, podemos ver em todas as instituições”.

Ainda podemos dizer que o esporte é utilizado para moldar novas sociedades, novas culturas, pois através de novas técnicas corporais se criam novas mentalidades e novas representações sociais e culturais.

Portanto, o esporte possui valor diante da sociologia e merece ser estudado, com valor e significação, pois através do esporte podemos criar mapas sociais e culturais de todas as sociedades em todas as épocas.

As várias definições do esporte advêm de três direções: a etimológica, a ideológica e a sociológica – a primeira refere-se aos dicionários, a segunda esta relacionada a valores e ideais que circulam o esporte, a terceira refere-se à utilização de métodos de investigação sociológica.

O esporte, ao fundamentar-se no homem, em cada homem, obriga-nos a buscar sem cessar, o sentido encerrado de suas manifestações.

Como nos diz Rui Garcia (2004) “devemos entender o esporte como um meio, nunca como um fim em si mesmo”, assim observamos que o essencial está no sentido da própria atividade, ou seja, para uma mesma (aparente) forma de atividade, podemos encontrar diferentes configurações e sentidos do esporte.

Podemos caracterizar o esporte como fenômeno social, fenômeno cultural e fenômeno simbólico e ritual.

Podemos ver o esporte como um sistema social, minuciosamente organizado e profundamente institucionalizado, assim o sistema social esportivo funciona, em um contexto concreto desenvolvendo relações com outros elementos e sistemas da realidade social em que se insere e devemos ter em conta a compreensão do sentido sociocultural do esporte que são: a tecnologia, a cultura, a economia, a política e a própria sociedade como um todo, assim pode-se dizer que o esporte, principalmente o futebol tem ligações com todas as instancias da sociedade por isso é considerado um fenômeno social total na visão de Mauss.

É com esses argumentos que COSTA (1995) considera que o esporte e o jogo estão na origem da cultura humana e apresenta três pontos de afinidade entre o esporte e a cultura:

- razão de origem: pois o esporte está na origem da sociedade e da cultura;
- o esporte é um meio de expressão da cultura de um povo: o modo como se joga expressa a cultura de um povo;
- o esporte como veículo cultural: nos encontros nacionais ou regionais levam-se artefatos para troca, somente isso já é um meio extraordinário de cultura.

Assim o funcionamento do esporte pode exprimir a cultura de um povo e a sua prática universal é certamente um poderoso veículo de difusão cultural. Como exemplo das características supracitadas e para entendermos melhor, temos o futebol, onde Giulianotti, (2010, p. 8) afirma:

Em outras palavras, o que torna o futebol tão irresistível para culturas do mundo inteiro, tem muito pouco a ver com sua essência. Em vez disso, meu argumento aqui é bem simples e claro na área das ciências humanas: de maneira mais específica, as características valorizadas no jogo nos dizem algo fundamental sobre as culturas em que ele é praticado.

Tendo como objetivo principal deste trabalho: Pesquisar quais os fatores socioculturais que concorrem para que o Campeonato de Peladas dos Povos Indígenas - Peladão Indígena - se mantenha como principal evento étnico-desportivo e cultural em Manaus.

Para este trabalho, realizamos uma pesquisa de campo qualitativa, de caráter interdisciplinar, com apoio nas ciências da Antropologia, da Sociologia e da Educação Física, a ser realizada durante o Peladão Indígena, edição 2013.

Os dados foram gerados através de pesquisa de campo, quando utilizamos a observação direta e uma entrevista com roteiro semi-estruturado, os registros fotográficos foram recuperados do arquivo do Peladão e o universo de entrevistados foi composto dos seguintes sujeitos - o Sr. Arnaldo Santos (organizador do Evento), o capitão ou líder e um jogador de cada time inscrito

como participante da edição 2013, e participante também em quatro edições anteriores, o que significa metade do total dos campeonatos realizados, nos naipes masculino e feminino. A escolha dos jogadores pelo tempo de participação foi feita através dos arquivos do Peladão Indígena.

A dissertação foi organizada em três capítulos, onde o primeiro construímos uma referencial bibliográfico através da revisão de literatura contextualizando o futebol e os povos indígenas – indo do jogo ao esporte e descrevendo como ocorre o futebol nas comunidades indígenas e quem são e de onde vem os indígenas que moram na zona urbana da cidade de Manaus.

No capítulo dois apresentamos o Campeonato de Futebol Peladão Indígena, falando de sua criação, da sua força social, onde o esporte consegue cumprir seu papel sociológico. Também é retratada o concurso das Rainhas do Peladão, uma beleza a parte do Campeonato e por fim falamos da projeção internacional que o evento alcançou.

No terceiro e último capítulo apresentamos os resultados e discutimos sobre os elementos e figuras socioculturais que mantêm o Peladão Indígena como principal étnico-desportivo e cultural entre os indígenas que residem em Manaus. Retratamos ainda o encontro dos parentes indígenas e as reuniões em família. O papel da mulher atleta e qual a motivação para jogarem a pelada de futebol.

CAPITULO 1 – Contextualizando o futebol e os povos indígenas

1.1 Do jogo ao esporte.

O jogo é um elemento que apresenta definições que variam de acordo com o autor e com a área de conhecimento pesquisada. Neste estudo foram selecionados três grandes estudiosos do tema, com visões diferenciadas, mas que se complementam; uma visão religiosa, uma visão cultural e uma visão social.

Durkheim (1996) acredita que o jogo tem sua origem nos rituais religiosos, pois como nos indica Fassheber (2010, p.71) “Podemos dizer, com este autor que o jogo carrega consigo o aspecto recreativo” cujas representações para Durkheim (1996, p. 414):

Estranhas a todo fim utilitário, fazem homens esquecerem o mundo real, transpondo-os a um outro em que sua imaginação está mais a vontade. Elas distraem. Tem inclusive o aspecto exterior de uma recreação: os assistentes riem e se divertem abertamente.

Huizinga (2004) considera o jogo uma prática social diferenciada, pois concorda que as civilizações foram se desenvolvendo tendo como base, talvez, o jogo, pois “promove a formação de grupos sociais, com tendência a ressaltarem suas diferenças, podendo, desse modo ser considerado um importante meio de valorização e conservação da diversidade cultural” (Almeida, 2011, p. 38) e “[...], o jogo fixa-se como fenômeno cultural, contribuindo para a formação identitária de cada povo” (Idem.). Desta forma, o jogo tem “uma função significativa, isto é, encerra um determinado sentido” (Huizinga, 2004, p.3), para os seus praticantes.

E Caillois (1994) entende a capacidade de o jogo contribuir para a construção de uma ordem social.

Podemos ressaltar ainda que na obra *Homo Ludens*, Huizinga destaca a função e as características dos jogos e em *Los Juegos Y Los Hombres: lá máscara y el vértigo* Caillois resalta o tipo de experiência que o jogo proporciona.

É notório que Huizinga ressalta o elemento lúdico em toda a sua análise e interpretação e ressalta em sua obra as características fundamentais do jogo, como sendo este um ato voluntário, que se concretiza como evasão da vida real, com orientação própria, ocorrendo dentro de limites de tempo e de espaço, criando a ordem através de uma perfeição temporária e limitada. Huizinga (2004) relata algumas características, conceituando o jogo como:

Uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras (p.16).

Porém, sobre este conceito cabe uma análise mais cuidadosa, quando Huizinga o coloca como atividade “não-séria” não está de forma alguma desmerecendo a atitude de envolvimento total no jogo, pois como ele mesmo relata “certas formas de jogo podem ser extraordinariamente sérias” (p. 8).

Outro elemento que Huizinga não evidencia como característica, mas enfatiza a sua importância, é a tensão, expressa pela incerteza e pelo acaso: em um jogo jamais se deve saber o final ou desfecho antes que este acabe, como exemplo os jogos de azar e as competições esportivas. Contudo, não se deve esquecer o papel fundamental das regras em um jogo, “e não há dúvida de que a desobediência às regras implica a derrocada do mundo do jogo” (Idem, p.14).

Em *Los Juegos Y Los Hombres* (1994), Caillois apresenta uma definição dos jogos, através de seis características e uma classificação com quatro categorias analisados em duas manifestações distintas.

O jogo para este autor, precisa ser uma atividade:

1 Livre. É uma atividade livre e voluntária, pois ela serve para o jogador para fugir da vida cotidiana, de modo que deve ser realizada quando o jogador se sentir como se entregasse a ele de forma espontânea e sem ser forçado.

2 Separado da vida comum: Esta separado do resto da

ocupação diária, devem ser realizadas dentro de limites específicos de tempo e lugar.

3 Incerta. Seu desenvolvimento não pode ser pré-determinado e deve haver dúvida sobre o resultado até o fim, porque senão o interesse seria perdido; exemplo disso são os jogos de habilidade, tais como xadrez, não é divertido se você sabe que alguém vai ganhar sem esforço e sem erro, a diversão está na possibilidade de uma falha do jogador.

4 Improdutivo. O jogo não cria riqueza ou trabalho, como distinguir a obra de arte. No final do jogo, tudo pode e deve começar no mesmo ponto. Isto é, há apenas uma mudança de propriedades.

5 Regulamentada: Quando feito dentro de um determinado espaço e tempo é necessário que essas leis da vida comum sejam substituídas por regras precisas, arbitrárias e incontestáveis, que devem ser aceitas como tal e que regem o bom desenrolar do jogo. Quando um trapaceiro finge respeitar as regras, embora não muito bem, mas não destruir o jogo, porque embora as quebras proclamam a sua validade com a intenção de não ser descoberto. Quem destrói o jogo é a pessoa que se recusa a jogar denunciando o absurdo das regras.

. 6 Fictício: acompanhado por uma consciência secundária específica ou irrealidade livre em comparação com a realidade da vida comum. (1994, p. 37-38).

Resumidamente, o jogo se apresenta como atividade livre e voluntária, separada da vida cotidiana, incerta, sem produção material, regulamentada e fictícia.

Caillois (1994) apesar de considerar a obra *Homo Ludens* (2004) importante reconhece a existência de lacunas no que diz respeito ao aspecto econômico envolvente nos jogos, não que estes possam produzir riquezas materiais, diferenciando-o do trabalho e da arte, mas, discutindo que sempre há gastos de tempo, de energia e quase sempre envolvimento de recursos financeiros para sua prática, abarcando desde aquisição de matérias e roupas específicas, até aluguel de espaços próprios para tal prática.

Ele realiza sua classificação de jogos baseado na ocorrência de um fator específico, que pode ser: competição (*Agón*), sorte e azar (*Alea*), imitação (*Mimicry*) e vertigem (*Illinx*). Cada fator possui diferentes tipos de jogos, e podem estar envolvidos em umas das duas manifestações a seguir:

Paidia: O princípio comum de diversão, improvisação livre e despreocupada corretamente certa fantasia desenfreada que se manifesta.

Lúdus: A crescente necessidade de convenções arbitrárias apegar Paidéia, imperativos e irritante para dificultar alcançar o resultado desejado. (1994, p.39).

Como explicação mais detalhada da classificação de Caillois temos o quadro a seguir:

Classificação/ Manifestações	1. Competição (agon)	2. Sorte, Azar (alea)	3. Simulação (mimicry)	4. Vértigem (ilinx)
PAIDIA	Ex. corridas, lutas, atletismo (sem regras),	Ex. rimas infantis, atirar,	Ex. Imitação infantil, jogos de ilusão, bonecos, figurinos,	Ex. jogos de tontura para crianças, gangorra,
LÚDUS	boxe, esgrima, futebol, bilhar, xadrez, damas (competições esportivas)	apostas, roletas, loterias, cassinos.	teatro, ópera, fantoches (artes cênicas).	montanhismo, parques de diversão, esqui, corda bamba.

Quadro 01. Classificação dos jogos

Fonte: Caillois, Roger (1994): Los juegos y los hombres. Las máscaras y el vértigo. Fondo de Cultura Económica. México.

Para este mesmo autor, o jogo foi modificando sua função social com o passar do tempo e o desenvolvimento das sociedades, e uma das principais perdas na cultura ocidental foi o despojamento do sentido religioso que os jogos possuíam.

Mas, ainda é possível ver jogos com sentido religioso em culturas ocidentais, como é o caso dos jogos tradicionais indígenas no Brasil, em sua grande maioria, conseguiram preservar o ritual. No Atlas do Esporte Brasil, o conceito de Jogos Tradicionais Indígenas demonstra bem a presença do ritual:

Os jogos tradicionais indígenas são atividades corporais, com características lúdicas, por onde permeiam os mitos, os valores culturais e, por tanto congregam em si o mundo material e imaterial, de cada etnia. Eles requerem um aprendizado específico de habilidades motoras, estratégias e/ou chances [sorte]. Geralmente, são jogados cerimonialmente, em rituais, para agradar a um ser sobrenatural e/ou para obter fertilidade, chuva, alimentos, saúde, condicionamento físico, sucesso na guerra, entre outros. Visam, também, a preparação do jovem para a vida adulta, a socialização, a cooperação e/ou a formação

de guerreiros. Os jogos ocorrem em períodos e locais determinados, as regras são dinamicamente estabelecidas, não há geralmente limite de idade para os jogadores, não existem necessariamente ganhadores/perdedores e nem requerem premiação, exceto prestígio; a participação em si está carregada de significados e promove experiências que são incorporadas pelo grupo e pelo indivíduo. [...] (Rocha Ferreira et al, 2005, p.33)

A função dos jogos dentro das sociedades em geral, é quase sempre pedagógica, visando normatizar os corpos ou transmitir algo, como exemplo: uma função, atividade ou um ritual, mito, moral de uma história, preservando assim todo um contexto histórico e sociocultural. Almeida (2011) ressalta sua importância:

Os jogos das sociedades tradicionais são práticas corporais que colaboram para que valores, costumes, normas sociais e comportamentos desejados sejam assimilados por meio dos corpos dos indivíduos, tendo como base suas tradições. (p. 37)

Dentro das sociedades indígenas, eles preservam seus rituais através da prática de jogos e o inverso é verdadeiro, ocorrendo que os jogos também podem ser transmitidos para as gerações seguintes, quando realizados em forma de rituais, com os mais diversos significados.

A exemplo temos a corrida de Tora, que na sua origem era um ritual de celebração e ainda o é, em diversos povos do centro-oeste e do sul e sudeste do país, cada um com suas peculiaridades e diversidades, mas, com a grande visibilidade que adquiriu dentro dos Jogos dos Povos Indígenas, houve a necessidade e solicitação de diversos chefes indígenas de se tornar um evento de competição, ocorrendo com todo cuidado para não esportivizá-la demais, conforme percebemos na fala de Carlos Terena, ao retratar os Jogos do Povos Indígenas ocorrido na cidade de Palmas¹ e nos Jogos do Amapá, como relata Grando.

Desta forma “os jogos são formas fundamentais de apropriação das normas da sociedade a qual estamos integrados” (Grando, 2005, p.176), o que não significa que os jogos sejam reproduções de atividades da vida adulta

¹ Entrevista concedida por Carlos Justino Terena ao LABJOR/UNICAMP. Cf. em: Jogo, celebração, memória e identidade: reconstrução da trajetória de criação, implementação e difusão dos Jogos Indígenas no Brasil (1996-2009) / organizadoras: Vera Regina Toledo Camargo, Maria Beatriz Rocha Ferreira e Olga Rodrigues de Moraes von Simson. – Campinas, SP : Curt Nimuendajú, 2011.

durante a infância, mas, uma forma de mimesis² o que favorece a continuidade de seu capital cultural.

É de grande relevância ressaltar o papel fundamental das regras dentro dos rituais e principalmente dentro dos jogos, sem a qual ambos seriam fluidos ou efêmeros o suficiente para não perpetuarem um padrão cultural.

Mas, o limiar entre jogos de competição e esporte é por vezes tênue. Pois, os jogos “presentes em todas as sociedades humanas e inclusive em algumas espécies animais, são formas fundamentais de estabelecer relações e de aprender a vida em comunidade,” (Grando, 2005, p.176).

O esporte como é conhecido hoje, o chamado esporte moderno, tem suas bases na Inglaterra do século XIX, teoria esta sustentada por diversos autores, entre eles, Norbert Elias (1985), Allen Guttmann (1978) e Richard Mandell (1986), Valter Bracht (2005) e Paulo Stigger (2005).

Guttmann (1978) ao classificar os esportes em esporte primitivo, esporte grego, esporte romano, esporte medieval e esporte moderno, os compara em sete categorias distintas: secularismo, igualdade, racionalização, especialização, organização burocrática, quantificação e o *record*. Essas categorias relatadas pelo autor se expressam claramente nas três dimensões de esporte adotada por Tubino (1992) que são: o esporte de alto rendimento, esporte educacional e esporte de participação que subsidiam e norteiam os trabalhos nos seus vários aspectos sejam biológicos ou socioculturais.

Para Elias:

Muitos tipos de desportos que hoje são praticados, de maneira mais ou menos idênticas por todo o mundo, tiveram sua origem em Inglaterra. Daqui propagaram-se para outros países, principalmente na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. (1985, p. 186).

E Mandell (1986, p. XV) define esporte como “toda atividade competitiva do ser humano regida por uma série de regras estabelecidas para o alcance de objetivos” e compara essas diferentes formas de esportes ao longo da história

² O termo *mimesis* será explicado no tópico seguinte.

humana em diversos contextos: histórico, político e econômico e afirma que o esporte moderno foi inventado na Inglaterra do século XIX.

Elias, Guttman e Mandell concordam entre si sobre a origem do desporto moderno, que foi desenvolvido no advento da revolução industrial com o intento do progresso e sustentado pela busca do recorde. E na visão de Bento:

O desporto moderno assenta as suas bases no triplo paradigma da revolução industrial: a organização, o rendimento e o triunfo. Com base nesses princípios o corpo foi olhado como um instrumento do e para um progresso pretensamente ilimitado. (1999, p. 131)

Outrora, atividades esportivas que tinham em seu foco: o culto a beleza dos corpos, rituais e festas para adorar e agradecer aos deuses gregos, lazer, divertimento, passatempo, expressão de virilidade e força, entre tantos outros motivos usurpados com o intento de tal prática esportiva, passam ao fim do século XIX e início do século XX, a ter seus objetivos voltados para o rendimento e o triunfo.

Perspectivando a criação do esporte moderno nos anos dourados da revolução industrial, tal qual a indústria, o esporte, como nos referencia Bento “foi olhado do e para um progresso”, este, alcançado diariamente, infinitamente pelo homem, em busca de novos recordes.

Tubino (2006, p. 11) nos diz que “a história do esporte é íntima da cultura humana, pois por meio dela se compreendem épocas e povos, já que cada período tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete”. Traçando uma linha cronológica da classificação de Guttman sobre o esporte vemos que as práticas corporais foram se desenvolvendo conforme a cultura de cada povo em cada época específica. Desta forma, podemos dizer que o esporte é um evento sociocultural, independente de sua manifestação.

Stigger nos sugere que o esporte é uma “tradição inventada num momento histórico específico” (2005, p.12). Para muitos autores a atividade física com fins competitivos, nada tem de continuidade das atividades praticadas por nossos ancestrais, e que este esporte tal qual o conhecemos

hoje, deriva do chamado esporte moderno criado em meados do século XIX na Inglaterra.

O que para muitos autores poderia ser denominado de jogos, jogos tradicionais, passatempos ou passatempos populares, Guttmann e Mandell, não consideram significativas, as diferenças entre o esporte moderno e as demais práticas referidas por eles, nomeando, tais práticas tão distintas geográfica e historicamente, mas com estruturas que se assemelham, de esporte.

Nas palavras de Elias (1985, p.232):

Como afirmamos, um desporto, seja ele qual for, é uma atividade organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige esforços físicos de certo tipo e é disputado de acordo com regras conhecidas, incluindo, onde se revelar apropriado. [...]

E afirma Stigger (2005, p. 15):

[...] juntando-se uma única denominação àquelas atividades que são similares por serem vinculadas a algum tipo de competição, em que indivíduos ou grupos se confrontam em busca de objetivos conflitantes, utilizando algum tipo de regra conhecida por todos e nas quais, ao final, um dos oponentes (ou grupo de oponentes) é identificado como o vencedor.

De fato, os autores citados concordam que para haver um conceito mínimo de esporte, se faz necessário: dois oponentes ou mais (equipes ou individualizados), regras preestabelecidas e um espaço apropriado. Para Tubino (1992) o esporte é praticado sob três dimensões, sendo: esporte educacional, esporte de alto rendimento e esporte de participação. Dentro dessas dimensões, quando praticados acontecem com significados e sentidos de acordo com o contexto cultural em que ocorrem.

Entre as três manifestações do esporte, Tubino (1992) nos indica que a manifestação esporte-performance foi a que vigorou até meados dos anos sessenta, levando-nos a entender que as outras duas manifestações esportivas, esporte-educação e esporte- participação são tão recentes quanto sua prática, encerrando o raciocínio de que o esporte moderno, criado no ápice da revolução industrial, tinha por única manifestação o esporte-performance,

sendo privilegiados a tal prática não os grandes talentos esportivos, mas os novos ricos, donos de indústria e de comércio.

Podemos pesquisar, estudar as práticas esportivas e os esportes dentro de cada uma das manifestações listadas por Tubino, todas com suas características impares e inconfundíveis que as três manifestações sociais do esporte trazem valorosas contribuições para as Ciências, inclusive as Ciências Humanas.

Mas, é certo que a manifestação esportiva esporte-participação tem chamado atenção frente à muitas pesquisas no âmbito da Educação Física e na área das Ciências Sociais e Humanas.

Nunca se estudou tanto sobre uma manifestação esportiva, como se tem estudado o futebol e como mostra Elias (1985), que ao tratar sobre a gênese do desporto atem-se principalmente ao futebol, para nos explicar sobre a difusão e evolução do esporte pelo mundo ocidental, fazendo-se entender que a história do esporte é intrínseca a do futebol.

“Dessa maneira, o código do futebol universal é utilizado para expressar formas particulares de identidade social e cultural”, (Giulianotti, 2010, p. 25), fazendo-nos pensar que o futebol, mas que qualquer outro esporte, independente de sua forma de manifestação social, tem sua prática cada vez mais fluidas e globalizadas em suas tendências.

O futebol a nível local ou mundial é envolvente, pois não exige muita estrutura ou dinheiro para ser praticado, tornando-se assim um prazeroso fato social e cultural para ser investigado pelas Ciências Humanas e Sociais.

1.2 O futebol nas comunidades indígenas

O futebol como fenômeno sociocultural, encanta com sua magia quem o pratica e quem o assiste. Está cercado de ações de seus atores sociais, sejam elas boas ou não. Contudo, sua prática a cada dia cresce, exemplos de sua manifestação mais comum é a prática na rua, onde é comum vermos garotos

descalços, somente com calções, jogando o futebol de rua, conhecido também como “travinha”. É um jogo que em alguns locais oferece aos seus praticantes um pouco de insegurança, pois devido ao crescimento urbano os locais de jogo acabam sofrendo com o grande fluxo de carros, mas, mesmo assim a garotada se arrisca.

Os campos de várzea e as escolinhas são outros exemplos que comportam essa paixão sociocultural. Crianças sonham em busca de um dia se tornarem um jogador igual aos seus ídolos e enchem as escolinhas de futebol. Na várzea não é diferente, lá jovens, crianças, adultos e até idosos, seja qual for o sexo estão participando. Esta paixão pode ser compreendida a partir de Fassheber (2005, p.160) que descreve:

A introdução do futebol é a mais fácil de ser explicada: da sua facilidade instrumental, sua prática é tranquila, adaptando-se a várias condições e regras, e parece-me ser este um dos fatos decisivos para a difusão de sua popularidade no Brasil e em várias partes do mundo. Porque o futebol é um jogo que pode ser disputado em campos oficiais, quadras, em ruas, terrenos, várzeas, pastos, com e sem inclinações e buracos; com linhas pintadas, desenhadas ou simplesmente imaginadas; com traves de ferro, madeira, gravetos, camisas e sandálias; com bolas oficiais, de couro, de plástico, de meia e até de papel e fita.

Tamanha paixão pelo futebol chegou às comunidades indígenas, é praticado com as mesmas aspirações com que um não indígena pratica. Sonhos perfazem os caminhos de jovens indígenas em um dia ser um grande jogador de futebol. Não só os jovens, mas toda comunidade indígena quando adpta do futebol, envolve-se nesta prática. O futebol praticado entre essas comunidades vem ganhando formas e significados, como podemos observar entre os *Bororo* de *Meruri* (MT), como bem argumenta Grandó (2005) quando diz que as práticas corporais identificadas como futebol em *Meruri* são manifestadas através de quatro sentidos diferentes. Abaixo destacamos os sentidos:

- Uma forma lúdica de possibilitar a socialização entre crianças, sendo meninos e meninas, em contextos educativos e em horários de diversão no fim de tarde, com os familiares que os permitem vivenciar diferentes relações com o corpo: agilidade, força, equilíbrio e resistência.

- Maneira de proporcionar uma prática corporal que fomente com a sociabilidade dos adultos, e uma forma de condicionamento físico, ao mesmo tempo em que se cria um espaço para discutir e resolver as diferenças presentes no dia-dia da aldeia- tanto no futebol masculino quanto no feminino.
- Como possibilidade de transmissão de técnicas corporais e de uma educação que se dá na relação entre jovens e adultos, ou seja, como prática corporal proporciona a educação do “corpo (ser) *boe*” e a adequação do comportamento dos jovens para o enfrentamento das emoções em situação de “guerra”.
- Como meio dessa prática corporal estabelecer relações com o outro, num nível de igualdade cultural, isto é, construir um valor cujo sentido do imaginário popular é de “identidade nacional”. Os *boe* em jogos fora da aldeia pretendem viabilizar as “fronteiras culturais” a integração (diferente no sentido usado pelos governantes, mas no sentido dado pelos próprios indígenas quando se referem aos jogos como possibilidade de encontro) entre diferentes num campo simbólico de guerra em que ambos tenham a mesma função e a mesma possibilidade de vencer, uma vez que o que está em jogo é a masculinidade de ambos, a razão do espetáculo.

A presença dos esportes modernos dentro das terras e comunidades indígenas advém do contato entre os diversos grupos étnicos que perfazem o caminho de suas comunidades indígenas dentro das terras indígenas para as cidades ou o caminho inverso, promovendo a introdução e perpetuação de diversos esportes modernos ou ocidentalizados, sendo o principal deles o de maior interesse o futebol, permitindo a adaptação e transformação de suas próprias tradições. Desta forma percebemos que as comunidades indígenas conseguem adaptar-se aos esportes ocidentalizados sem perderem ou esquecerem sua identidade cultural e encontramos em Fassheber (2010, p. 32) o termo *etno-desporto*, que o conceitua como:

Etno-Desporto Indígena é a prática das atividades físicas tanto sob a forma de jogos tradicionais específicos e a *mimesis* que dinamiza estes jogos, quanto sob a forma de adesão do

processo de “*mimesis* do esporte global” da sociedade Fóg³. Em outros termos é a capacidade de cada povo indígena de adaptar-se aos esportes modernos, sem, contudo, perder sua identidade étnica.

Segundo entendemos a *mimesis* não é uma forma de copiar a cultura da sociedade envolvente, mas de se apropriar dela modificando-a, sem, contudo perder seu objetivo principal, como nos indica Fassheber (2010, p. 32) “Pela *mimesis* isto é, ela não copia o original, mas recria e dá uma identidade própria ao que foi aprendido.” Como exemplo, Freitag e Fassheber (2010, p. 128) descrevem uma viagem de um jornalista inglês Alex Bellos, acompanhado por Fernando Fedola Vianna, antropólogo que estudava os Xikrin, estes solicitaram exercícios de aquecimento e alongamento para o futebol do então antropólogo que fora jogador de futebol. Os autores ainda descrevem que:

Decorridos três meses do encontro multicultural vivenciado pelo jornalista inglês, pelo antropólogo brasileiro e, pelo grupo indígena, o referido repórter ouve da antropóloga Isabelle Giannini o relato de um ritual Xikrim. Conforme a narrativa da antropóloga: os Xikrim executam normalmente seus rituais no centro da aldeia que é circundada por suas casinhas de tijolos. Estes rituais começam ao amanhecer. Ela já viu muitas cerimônias parecidas. Formam-se duas fileiras paralelas de jovens índios com penachos e roupas típicas. Desta vez, as duas filas vestiam uniformes de Futebol com cores diferentes. Eles corriam levantando ora a perna direita, ora a esquerda. A dança ritual era uma coreografia inspirada nos movimentos ensinados por Fedola.

O futebol com sua magia vêm encantando os povos, em especial os indígenas, como percebemos acima, e cada vez mais ganha adeptos, realmente é um fenômeno sociocultural, pois conforme Grandó (2005, p. 179):

Como fenômeno social, o futebol expressa as contradições e os valores da sociedade capitalista atual. Como produção cultural desta sociedade, o futebol atinge quase todos os povos do mundo e integra, principalmente, culturas e nacionalidades o ocidente. Isto é, o esporte integra as sociedades que mantém entre si, sob o signo do capitalismo, relações econômicas, políticas e culturais.

³ Fassheber(2010, p.22) “Tomo a expressão *Fóg* em substituição ao termo “*sociedade envolvente*”, [...]. Na verdade, o termo *Fóg* significa “o outro”,aquele que não é Kaingang.

Pela *mimesis* o futebol tornou-se uma realidade dentro das comunidades indígenas, citadinas ou não, assim, muitos pesquisadores tem a intenção de descobrir como essas práticas são apropriadas, o que modifica na vida dessas populações, qual a relação criada entre o futebol e os jogos tradicionais, ou entre as atividades cotidianas?

O encantamento pelo futebol pode ser observado entre os xavantes, segundo Vianna (2002) eles se reúnem aos finais de tarde, os homens maduros, os que são rapazes e os adolescentes, eles se agrupam no pátio central da aldeia, jogam o futebol propriamente dito e com suas variações, envolvendo dribles, passes e chutes, segundo o autor eles gostam do modelo de jogos reduzidos, como exemplo, o famoso bobinho.

O futebol é praticado também por crianças e mulheres, por estas é muito pouco presente, mas isto não impede que mulheres e meninas se reúnam para jogar. Entre as crianças o futebol tem uma forte representatividade, pois as crianças brincam de futebol parecendo muitas vezes imitarem os mais velhos jogando. Tanto gosto pelo futebol, os *xavantes* demonstram através de situações comuns do futebol, pois Vianna (2002, p.146):

Os xavantes não são apenas *praticantes*, mas, também, observadores atentos do que se passa com o futebol profissional brasileiro. Pelo rádio, televisão e jornais, inteiram-se das novidades referentes a jogadores, dirigentes, clubes e à seleção nacional, que passam a figurar nas suas conversas diárias, nas ideias que trocam, nos casos que contam, nas curiosidades que têm. Camisas de equipes profissionais integram a indumentária masculina cotidiana⁴, e há quem manifeste sua preferência clubística, dizendo torcer por determinado time: 'Corinthians', 'Vasco', 'Goiás' ou 'Palmeiras', em exemplos que pude constatar.

Tal absorção pelo futebol, fez com que ele fosse posto como modalidade nos Jogos Nacionais Indígenas que teve sua primeira edição no ano de 1996 em Goiânia e desde de lá vem sendo realizado anualmente em cidades que possibilitem um espaço adequado para a realização das práticas tradicionais. O futebol nos jogos tem um forte significado, pois conforme a colocação:

⁴ . Quanto às mulheres, alternam entre o uso de longas saias com camisetas e vestidos que aprenderam a cortar com os salesianos.

O futebol tem grande aceitação entre as etnias dos Jogos dos Povos Indígenas. Seguindo os princípios que norteiam a filosofia do evento, é importante ressaltar que nesta modalidade não se propõe consagrar o atleta artilheiro, o goleiro menos vazado ou a defesa mais eficiente. Os Jogos Indígenas destacam o aspecto lúdico da prática desportiva do futebol, tornando o falado fair play uma realidade. Todas as etnias levam representantes para a competição, e apesar da popularidade do esporte as partidas realizadas nos Jogos Indígenas não atraem grande número de espectadores, que preferem assistir às modalidades esportivas tradicionais e as manifestações culturais⁵.

Recentemente, tivemos o maior evento futebolístico do mundo realizado no Brasil, e nossa capital Amazonense sediou quatro jogos deste evento, foi algo maravilhoso, pois possibilitou um intercâmbio intercultural entre diversos povos vindos de várias partes do mundo para torcerem por seus times e conhecerem a fantástica e exuberante Amazônia. Os amazonenses puderam vivenciar o quanto o futebol é fascinante. Neste evento, alguns indígenas de todo o Brasil receberam gratuitamente ingressos para assistirem jogos da Copa do Mundo de Futebol, graças à doação realizada pela FIFA ao Governo Federal. E dentre os contemplados, destaca-se Wagner que é da etnia *Xavante*, do Estado do Mato Grosso, e assistiu ao jogo entre Coreia do Sul x Bélgica. Em entrevista ao Portal da Copa, Wagner comenta sua emoção de estar pela primeira vez em um estádio e assistindo a um jogo de Copa do Mundo. “Eu fiquei muito ansioso. Isso é um sonho de todos os meus irmãos. Mesmo antes da partida eu já estava me imaginando lá, sentindo a energia” disse, na entrada da arena⁶.

Notamos a felicidade deste indígena ao presenciar um evento que poderá ser o único de sua vida. Segundo o Portal da Copa (2014)⁷ :

Ele veio de metrô, junto com a esposa Silmara, grávida de cinco meses. Ela é da etnia Guajajara, com origem no Maranhão. As bochechas estavam pintadas de laranja, arte feita com tinta de

⁵ .Jogos dos Povos Indígenas. Disponível em: <http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=218>. Acesso em 15 de Junho. de 2014.

⁶ . PORTAL DA COPA (2014). Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/amamos-futebol-como-qualquer-outro-brasileiro-reforcamos-indigenas-que-assistiram-a-partida-da>. Acesso em 17 de Julho de 2014.

⁷ . PORTAL DA COPA (2014). Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/amamos-futebol-como-qualquer-outro-brasileiro-reforcamos-indigenas-que-assistiram-a-partida-da>. Acesso em 17 de Julho de 2014.

Urucum, especialmente para vir à partida e fazer parte da confraternização entre diferentes povos, o ponto mais positivo da Copa do Mundo, na opinião dela.

“É um evento de encontro de culturas, você pode viver a diversidade, valorizar a diversidade. E nós indígenas também queremos fazer parte disso. A nossa presença ajuda a quebrar a imagem de que estamos isolados, em outro mundo. Não. Também podemos estar nos centros urbanos, convivendo com todos”, afirmou.

Os indígenas percebem o quanto o futebol influencia, principalmente através de um evento como a Copa do Mundo, a preocupação em mostrar sua diversidade, amenizando e quebrando conceitos estereotipados presentes na sociedade atual. Como coloca uma indígena que também estava presente no local:

“Estou muito feliz com essa oportunidade porque, na maioria das vezes, a cultura indígena é excluída da sociedade. É importante quebrar a imagem de inferioridade. Os indígenas são cidadãos com CPF, RG e título de eleitor. Queremos e podemos participar de momentos como este”, reforçou We'e'na⁸.



Figura 1- O cacique Tukumbó Guarani junto com o grupo na arena Corinthians.

Fonte: Portal da Copa (2014). Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/amamos-futebol-como-qualquer-outro-brasileiro-reforcam-indigenas-que-assistiram-a-partida-da>. Acesso em 17 de Julho de 2014.

⁸ . Portal da Copa (2014). Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/amamos-futebol-como-qualquer-outro-brasileiro-reforcam-indigenas-que-assistiram-a-partida-da>. Acesso em 17 de Julho de 2014.

O futebol reforça laços familiares entre os indígenas, eles realizam muitas atividades referentes aos seus traços socioculturais durante a prática do jogo de futebol, constatamos na referida colocação:

O futebol virou uma febre entre várias mulheres de etnias indígenas do Amazonas, que chegaram a montar times e até campeonatos, mas também ultrapassou a fronteira esportiva, ajudando a manter unidas famílias e tradições culturais⁹.

Quando criança, Jucenilda Pena de Souza, da etnia saterémawé, jogava bola com os irmãos na terra da aldeia Andirá-Marau, localizada em Parintins, a 369 quilômetros de Manaus, no baixo rio Amazonas.

Hoje, aos 35 anos e morando na periferia da capital amazonense, ela concilia o trabalho como artesã com a função de meia do Selvagem do Amazonas Futebol Clube. Na mesma equipe atuam suas duas filhas, a zagueira Angélica Wururuphort, de 17 anos, e a lateral Ranglema Waikiru, de 15.

"Jogar com minhas filhas é uma diversão, uma coisa muito boa que valoriza a nossa etnia e nossa cultura", disse Jucenilda em entrevista à Agência Efe em Manaus¹⁰.

Um evento que vem sendo realizado em Manaus, com o intuito de aproximar e promover a socialização e o encontro intercultural através de jogos tradicionais e esportes ocidentais são os Jogos Interculturais Indígenas de Manaus, que este ano de 2014 teve a sua quarta edição realizada, e que geralmente são realizados na Comunidade do Livramento, zona ribeirinha de Manaus. Nestes jogos se reúnem comunidades indígenas residentes em Manaus e adjacências. Conforme a fala do cacique da comunidade onde se realizaram os jogos:

[...] o evento consegue fomentar o intercâmbio entre os desportistas. "Com os "jogos", conseguimos reunir atletas de etnias como a Apurinã, Baré, Mura, Tukano, Tariano, Dessano, Deni e Miranha, fazendo com que a relação entre eles melhore e que haja uma troca de experiência, cultura e costume"¹¹.

¹⁰ . Futebol (2014). Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/futebol-feminino-indigena-vira-febre-no-amazonas-e-reforca-lacos-culturais.3f85a7bef5c26410VgnCLD200000b0bf46d0RCRD.html>. Acesso em 15 de junho de 2014.

¹¹ . 4º Jogos Interculturais Indígenas reúne atletas de sete comunidades em Manaus (2014). Disponível em : <http://semdej.manaus.am.gov.br/4o-jogos-interculturais-indigenas-reune-atletas-de-sete-comunidades/>. Acesso em 15 de junho de 2014.

E dentre os esportes que fazem parte dos jogos, está o futebol que é um dos esportes mais esperados pelos indígenas, alimentando sonhos dos pequenos que um dia anseiam ser um grande jogador de futebol, conforme diz Kleison da sua participação na Terceira Edição dos Jogos (2013), afirmou que “[...] cursa o quinto ano da Escola Municipal São José I e apesar de ter se destacado como velocista, “quando crescer” pretende ser jogador de futebol.”¹²

O futebol com seu encantamento, é um fenômeno cultural, tem a capacidade de unir povos, promover alegria às crianças, jovens e adultos, sejam como jogadores ou como torcedores, comovendo e fazendo expressar sentimentos bons ou ruins. E entre os povos indígenas, em especial, o futebol vem sendo praticado e sentido como em qualquer nação, país ou comunidade.

Lá estão presentes os conflitos e tudo o que se pode vivenciar com um jogo de futebol, mas sabemos que novos adeptos surgem a cada dia e isso faz do futebol uma magia que encanta “milhões” de pessoas mundo a fora.

1.3 Quem são e de onde vêm os indígenas urbanos

No Brasil, existem aproximadamente 215 povos indígenas catalogados, destes muitos ainda residem em parques e comunidades já demarcadas e nesses ambientes desfrutam do que a natureza proporciona como a caça, a pesca, o plantio, e as manifestações socioculturais representados por seus mitos, crenças e costumes. No entanto, apesar dessa riqueza, muitos se arriscam indo para os grandes centros urbanos em busca de melhorias, alguns por curiosidade, outros não têm alternativa, a busca por melhoria de vida, junto à tentativa de conseguir acesso à saúde, trabalho e educação são atraentes e na visão indígena, talvez fáceis de conseguir.

O Brasil possui uma imensa diversidade étnica e linguística, estando entre as maiores do mundo. São 215 sociedades

¹². III edição dos Jogos Interculturais Indígenas reúne cinco etnias diferentes (2014). Disponível em : <http://www.amazonianarede.com.br/iii-edicao-dos-jogos-interculturais-indigenas-reune-cinco-etnias-diferentes/>. Acesso em 15 de junho de 2014.

indígenas, mais de cerca de 55 grupos de índios isolados, sobre os quais ainda não há informações objetivas. 180 línguas, pelo menos, são faladas pelos membros destas sociedades, as quais pertencem a mais de 30 famílias linguísticas diferentes¹³.

Os indígenas ao se deslocarem para os centros urbanos, iludidos, ou talvez como a única esperança de conseguir algo, quando não conseguem aquilo que esperavam, acabam peregrinando pelos centros urbanos, muitos desiludidos acabam mergulhando no mundo do alcoolismo. Estes são alguns dos grandes problemas entre os povos indígenas, sejam eles citadinos, ou moradores de comunidades. Como podemos observar em Heck, (2005) *apud* Vaz Filho (2014, pp.7-8) que descreve alguns problemas de indígenas citadinos:

Os indígenas podem ser observados nas grandes, médias e pequenas cidades de Norte a Sul do país. Em geral estão nos bairros da periferia, em situação de extrema pobreza, em paisagens que lembram bem o drama dos habitantes pobres de países africanos, como Sudão ou Somália, nas esquinas vendendo artesanato, pedindo esmolas ou caídos nas calçadas. Normalmente os outros moradores lhes dão as costas e ignoram seu drama.

A situação desses indígenas é lamentável e bem difícil, desprovidos do apoio do poder público, a situação fica bem pior. Imaginemos que a situação de não indígenas no Brasil ou em outros países mesmo com o apoio do governo é considerada difícil, quanto mais dos povos indígenas que tem uma assistência limitada.

Os fatores que levam os indígenas para as cidades podem ser observados no trabalho de Campos (2006) onde descreve que pesquisadores e lideranças de diversas etnias apontam vários fatores, associados a diferentes situações de contato com sociedades regionais, a busca por trabalho, por melhores condições de acesso à saúde e educação, perda de terras tradicionais e conflitos internos nas aldeias – estimulados, muitas vezes, pelo crescimento populacional – são apenas alguns exemplos. E são diversas as formas de inserção dessas populações em território urbano; há desde

¹³ . Os índios no Brasil. Disponível em: <http://www.geomundo.com.br/mato-grosso-do-sul-50124.htm> . Acesso em 22 de abril de 2014.

indivíduos que migram isoladamente até grupos familiares que migram inteiros para bairros específicos, seguindo uma ampla rede de parentescos. Nesse mar de diversidade, existem inclusive os casos de terras indígenas que foram "engolidas" pelo crescimento urbano, tendo seu cotidiano relegado a uma série de peculiaridades¹⁴.

Tais fatores podem ser também vistos na descrição na Cartilha elaborada pelo Conselho de Missão entre Índios - COMIN (2008) onde descreve que a procura do espaço urbano por um certo grupo indígena pode ter vários motivos: a falta de terra e de incentivo para conservar seu espaço no meio rural; a busca de recursos para cuidar da saúde; o estudo em escolas e universidades; possibilidades de comercializar seu artesanato; a busca da visibilidade da situação dos povos indígenas no país; entre outras questões. Silva (2008, p.64) em um trabalho de pesquisa realizado na Comunidade *Yapyre-Hyt* do povo *Sateré-Mawé* no Conjunto Santos Dumont, zona centro-oeste da cidade de Manaus, nos mostra um dos motivos pelo qual o indígena saiu de sua comunidade:

O que me deixou mais triste foi não ter condição de sustentar meus filhos na aldeia, por esse motivo viemos pra Manaus... lá ou você é professora ou você é aposentado. A única coisa que dá dinheiro na reserva profissão de professora e aposentado.

Notamos que são vários os fatores responsáveis pelo processo de migração indígena, em Manaus não é diferente, os mesmos sonhos e buscas chamaram a atenção dos povos que residem no meio urbano. Bernal (2009) descreve que a maioria dos indígenas residentes em Manaus, se deslocaram em busca de melhorias de vida para sua família, especialmente em relação aos filhos. O autor supracitado ainda aponta três motivos referentes ao deslocamento para a cidade, são eles: 1. A busca de possibilidades de estudos para seus filhos; 2. Busca por trabalho e conseguir uma renda para sustentar a família e 3. O desejo de aproveitar as facilidades que o interior não oferece, como a mobilização, o uso do dinheiro e a aquisição de produtos elaborados para a alimentação familiar de base.

¹⁴ . CAMPOS, André. Índio na Cidade. 13/03/2006. Disponível em : <http://reporterbrasil.org.br/2006/03/ndio-na-cidade/>. Acesso em: 22 de abril de 2014.

A situação dos povos indígenas foi também descrita por Gentil (2005, pp.10-11) onde coloca que:

Nossas comunidades vivem em precárias condições de pobreza, sem acesso de negociação sobre educação e saúde especialmente. Sem condições de plenas vivências de suas identidades tradicionais e culturais, é incrível, triste esse tema. Tanto no interior e na capital é assim a vida dos indígenas. [...] Em Manaus, a maioria mora como favelado: não tem dinheiro pra pagar ônibus, comprar comida, pagar luz, água [...] é muito sofrimento [...] sinto que os brancos não querem ver índios morando nas cidades, querem todos nós nas aldeias.

Apesar de tantas dificuldades enfrentadas pelos povos indígenas como percebe-se nas visões supracitadas, a invisibilidade perante aos não indígenas, falta de moradia digna, falta de espaços de manifestações socioculturais estão presente na vida desses povos que se arriscam em busca de sonhos, no entanto, ainda permanece entre eles a cooperação, onde dentro do contexto urbano se encontram para realizar algumas manifestações socioculturais como os rituais, festas, comemorações, dentre outros.

Movimentos políticos indígenas à procura de melhorias para as comunidades, vem crescendo nos centros urbanos, conforme afirma Vaz Filho (2013), os indígenas tomam suas iniciativas e se organizam. Normalmente são famílias que moram em barracos próximos de outras famílias indígenas, e se reúnem regularmente, realizam rituais religiosos e criam associações para defender seus direitos e buscar benefícios diante da prefeitura e de outras instituições. É importante manter essa comunicação e vivência, pois “Viver em comunidade, morar próximos e se organizar em grupos familiares ajuda a enfrentar os desafios que existem na cidade” COMIN (2008, p.5).

Em Manaus, movimentos de organização dos povos indígenas vem ganhando espaço, conforme Gentil (2005, p.11) “hoje, estamos tentando organizar os índios sem aldeias que vivem em Manaus, buscando fortalecer os índios na luta por direito à saúde, educação, preservação da cultura e melhores condições de vida na cidade”. Notamos que buscas e lutas são por necessidades básicas à sobrevivência humana, o que é um direito de todo cidadão.

Como exemplo de organização, temos a Associação das Mulheres Indígenas do alto Rio Negro (AMARN) que foi fundada em 1987 através da união de jovens mulheres que vinham para Manaus para trabalharem em serviços domésticos. A AMARN tem setenta associadas, que trabalham com o fabrico e venda de artesanato de forma coletiva, sendo uma complementação da renda familiar. Atualmente a comercialização dos produtos da AMARN tem apoio da Petrobrás. As mulheres do Alto Rio Negro que residem em Manaus iniciaram a prática da língua *Tukano* e estão elaborando uma rede de apoio e solidariedade entre elas, *Ticuna* (2011).

Laços formados a partir da união e cooperação são fundamentais para a sobrevivência no meio urbano. Principalmente quando essa união é em prol de uma atividade que venha fortalecer e dar continuidade e a diversidade desses povos.

Outra forma de encontro e socialização acontece durante a realização dos Jogos Interculturais Indígenas de Manaus que atualmente está na sua IV edição. Foi promovido graças a luta de comunidades indígenas residentes em Manaus e do entorno. Conforme Souza e Soares (2013) este evento teve sua primeira edição em 2011, onde participaram indígenas residentes em Manaus e de comunidades adjacentes, dentre as etnias participantes estavam: *Sateré-Mawe*, *Baré*, *Kokama*, *Munduruku*, *wai-wai* dentre outras. Os indígenas participaram de jogos tradicionais como o cabo de guerra, arco e flecha, zarabatana, mergulho, peconha, corrida, esportes ocidentais como o futebol e voleibol. Apesar do grande número de participantes, não houve o caráter de competição, mas, de integração, de socialização e confraternização, pois eventos como esses voltados para povos indígenas são difíceis de acontecer no meio urbano, segundo os autores.

Além do evento supracitado, destacamos o “Peladão Indígena”, tema deste trabalho, que tem como uma das finalidades o encontro Interétnico entre as comunidades residentes em Manaus.

CAPITULO 2 – O Peladão Indígena - da criação à organização

2.1 O Peladão Indígena – a criação.

O Campeonato de Peladas do Amazonas conhecido popularmente como “Peladão” é considerado o maior campeonato de futebol amador no Brasil por seus números expressivos que aumentam a cada edição anual.

Há mobilização de muitos segmentos da sociedade, desde empresas que patrocinam o evento, a micros e macro empresas que apoiam os times, de campos de terra batida aos estádios com campo gramado para a competição dos jogos, famílias e amigos que vão prestigiar os jogadores, grande número de arbitragem (cada time inscrito precisa indicar dois árbitros) e a própria população que vai assistir os jogos, ou vender alimentos e bebidas.

O Peladão é algo que passa de pai para filho, por isso tem tanta força. Podemos avaliar pela final do Peladão edição do ano de 2009, ocorrida no estádio Vivaldo Lima em janeiro de 2010 quando um público de 45.000 pessoas lotou o Vivaldão, publico que nenhum dos times profissionais do Amazonas consegue atrair.

Criado em 1972 por Messias Sampaio e pelo fundador da Rede Calderaro de Comunicação (RCC) Umberto Calderaro Filho e concorrido desde 1973 com o objetivo de estreitar os laços com a população, era disputado em apenas uma categoria, para times com jogadores masculinos e sem limite de idade.

Segundo Arnaldo Santos, Umberto Calderaro tinha uma visão fantástica do que poderia ser feito dentro de uma sociedade:

É só voltar no tempo, para a década de 70, Manaus não era a cidade que é hoje. Umberto achava que nos bairros as pessoas tinham que se ocupar no fim de semana. E nada melhor que um jogo de futebol entre amigos, entre parentes, entre aqueles que curtem essa forma de existir.¹⁵

¹⁵ Entrevista concedida por Arnaldo Santos, na sede do Peladão, em Março de 2014.

Dos quarenta anos que o evento possui, vinte e cinco anos ficam sob a coordenação do Sr. Messias Sampaio (que precisou se afastar por motivos de saúde).

Em 1998 o coordenador geral do Campeonato passou a ser o radialista esportivo Arnaldo dos Santos Andrade, que sob nova ótica efetuou no Campeonato uma série de mudanças positivas que são mantidas até os dias atuais.

Não sei ficar sossegado, tenho impaciência para viver. Gosto de desafios e não gosto da palavra mesmice. E com todo o respeito que tenho à tradição do Peladão, porque estou há 15 dos 40 anos do Campeonato, não é que estivesse sendo mal feito. Se assim não fosse, eu não herdaria todo esse acervo. Mas, o meu temperamento sempre via uma oportunidade de desdobrar o Peladão na sua essência, que é de construir, de fazer as pessoas viverem em comunidade e em uma sociedade melhor. (Arnaldo Santos, 06 de Março de 2014).

Nos três anos a frente do Campeonato realizou junto com sua equipe uma pesquisa documental nos arquivos do evento e descobriu que dos 27 mil jogadores inscritos, cerca de 7,2% apresentava faixa etária entre 15 e 17 anos e com esses dados ele viu uma boa oportunidade de oferecer uma contribuição social do Peladão, que é a educação, como próprio nos revela:

Nós temos que educar, e nada melhor do que começar com os jovens. Tanto que fizemos a categoria Peladinho na faixa etária de 12 a 14 anos. Exatamente para fugir do oficial, que é a partir dos 15 anos, dando a oportunidade e que não se quebrassem as raízes da proposta, que era: com 15 poder jogar o Peladão. (*op. cit.*)

Nos anos 2000, criou o Peladinho e em 2001 veio a categoria Master. Segundo Arnaldo a necessidade de criar esta categoria surgiu, pois em uma mesma partida ou até em um mesmo time, havia meninos de 15, 16 anos com todo o gás, correndo de um lado ao outro do campo e veteranos com mais de quarenta anos que queriam desfrutar o prazer de jogar uma “pelada” com seus amigos e/ou familiares e muitas vezes um ou outro lado não saía contente do campo.

Assim limitou a idade mínima e máxima do Peladão masculino (categoria principal) que passou a ser de quinze a trinta e nove anos e criou a categoria Peladão Master para homens acima de quarenta anos, para valorizar os famosos boleiros¹⁶ os craques do passado.

E em 2005 criou mais duas categorias: o Peladão Feminino (para que as mulheres dos jogadores também tivessem a oportunidade de jogar); e com a grande colaboração do sociólogo e indigenista Jorge Miles da Silva conhecido como Jorge Terena criou o Campeonato dos Povos Indígenas, conhecido popularmente como Peladão Indígena.

De acordo com o Sr. Arnaldo Santos, certo dia, em meados do ano 2004, leu uma reportagem em jornal de grande circulação na capital, retratando a realidade dos indígenas que viviam na cidade de Manaus e diz ter ficado impressionado pelo grande número de indígenas. “Lendo os jornais eu vi registrado lá: 26 mil índios estão morando em Manaus”, relata Arnaldo.

Ao ler sobre esta notícia ficou intrigado: por onde andam estes indígenas? Do que vivem? Que contribuição o Peladão poderia oferecer a eles?

Eu disse: puxa, que ótimo, vamos ver como eles estão vivendo. Acho que podíamos dar uma contribuição para eles. Ora, se eles saem das suas tribos, vêm para Manaus, enfrentam todas as adversidades possíveis, porque teriam que se estabelecer, ter suas residências, estudar, trabalhar, se alimentar, o que está acontecendo? Como isso pode ser trabalhado? (*op.cit.*)

E resolveu ir atrás de suas respostas, procurando dados juntos aos órgãos federais e não obtendo uma resposta imediata procurou a FUNAI.

E ao chegar a FUNAI, precisou ficar esperando para ser atendido, foi quando a sorte conspirou a seu favor, na cadeira ao seu lado, estava um indígena com o qual ele resolveu conversar e logo descobriu que este homem tinha as respostas que ansiava descobrir, este homem era Jorge Terena.

Jorge Terena, Sociólogo formado pela Universidade de Maryland (EUA), integrante do povo Terena (MS) era consultor etnoambiental da COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira), e líder

¹⁶ Jogador de campo de várzea que aos olhos da comunidade tem muito talento.

dos indígenas que moravam em Manaus e em diversas comunidades espalhadas pelo Amazonas.

Acabei encontrando o líder indígena Terena. Era uma pessoa fantástica, um líder. Ele me deu uma lição incrível, eu guardo isso e digo com muito respeito. Ele tinha Pós-Graduação na Pensilvânia, foi para os Estados Unidos estudar. E eu disse assim: “Mas porque você fez isso?” Ele falou assim: “Para entendermos os brancos temos que saber como eles vivem, como eles sentem, temos que dar um passo a mais.” Isso me abriu um caminho. Eu digo: “Bom eu não faço esta competição se não for com o apoio da Universidade Federal do Amazonas”. Porque preciso do apoio da área antropológica, da escola de Educação Física, do meio acolhedor cultural para que possamos ajuda-los a saber, interpretar, pesquisar, mais do que isso, trazer contribuição para essas pessoas. E dessa forma nós criamos o Peladão Indígena. (*op.cit*).

O Peladão Indígena desde a sua origem ocorre anualmente nas dependências da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas, pois a diretoria da faculdade na época em que o Peladão foi criado percebeu a importância de um espaço que proporcionasse conforto e segurança para que os indígenas pudessem trazer suas famílias e seus amigos para prestigiarem o evento, e que este espaço se assemelhasse as suas terras de origem ou onde costumavam jogar.

Há muito tempo se tem conhecimento de que os indígenas praticam jogos com bola que se assemelham ao futebol. E os indígenas amazonenses apresentam certa preferência por esta prática esportiva, tanto os homens quanto as mulheres e as crianças também. Não sendo raro que as comunidades indígenas citadinas ou não tenham suas equipes constituídas e estejam sempre à procura de um torneio.

As equipes participantes do Campeonato de Peladas dos Povos Indígenas - Peladão Indígena - apresentam uma variabilidade de seus praticantes, sendo ora formadas apenas por representantes de um mesmo grupo étnico, ora representando uma determinada comunidade constituída por uma diversidade de etnias, e as vezes tendo em um mesmo time representantes de várias comunidades e etnias.

Além da oportunidade de jogar, o Peladão Indígena proporciona aos seus praticantes, a vivência do lazer ao permitir que o evento seja uma local de

encontro de jogadores, amigos e familiares, e de confraternização dos parentes¹⁷, com comidas e bebidas – caxiri e refrigerantes em lata, peixe assado, farofa e salgadinhos industrializados.

É perceptível a necessidade do encontro dos parentes em eventos dentro da cidade de Manaus, principalmente no Peladão Indígena, em que tantos os jogadores quanto os demais presentes realizam uma afirmação de sua identidade étnica ao se apresentarem com pinturas corporais, adornos e enfeites que caracterizam suas raízes. Mesmo quando os jogadores estão oficialmente equipados para a prática do futebol, estes não se esquecem de sua principal identidade, que é ser indígena.

De 2005 a 2012 já passaram pelo Peladão Indígena cerca de cento e trinta e quatro equipes, entre masculinas e femininas e mais de três mil e duzentos indígenas. O ano que mais teve equipes inscritas foi 2010 com dezenove equipes masculinas e dez equipes femininas e o ano de menor participação foi 2012 com cinco equipes masculinas e três equipes femininas e em 2011 houve recorde de inscritos competição.

2.2 A força social do Campeonato Peladão em Manaus

Um evento que conta com 40 anos de tradição já se tornou um acontecimento garantido no calendário amazonense, pois reúne paixão pelo futebol e ação social. Crianças, jovens, adultos, veteranos e indígenas correm atrás do título mais democrático do futebol amazonense, disputado anualmente por mais de um mil times inscritos e formados em todas as classes sociais e temperados por um concurso de rainhas.

Em todos esses anos de jogos, gols, comemorações e beleza feminina o Peladão já estimulou várias campanhas sociais, entre elas: doação de sangue em toda a capital manauara, distribuição do “sopão”, alimentando os menos favorecidos e incentivo a disciplina em todas as idades.

¹⁷ Parentes - é um termo utilizado pelos indígenas que designa que determinada pessoa é indígena, independente de seu grupo étnico, se reconhecem como irmãos.

2.2.1. As campanhas sociais do Peladão

As campanhas sociais realizadas pelo evento Peladão começaram no ano de 2001, pois seu coordenador Arnaldo Santos tinha o sonho do evento poder contribuir para a sociedade e movimentá-la além do campeonato de peladas. Listamos a seguir as principais campanhas:

- SEJA CAMPEÃO DO JOGO DA VIDA. DOE SANGUE!: Esta campanha foi realizada em parceria com a Fundação de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas – Hemoam – e estimulava a doação de sangue por parte dos jogadores, seus familiares e amigos.

Nesta campanha, cada equipe indicava os seus atletas que seriam os doadores. Era feito o cadastro de atleta junto ao HEMOAM, verificando a possibilidade de ser doador; Cada equipe poderia indicar no mínimo 04 atletas com condições de ser doador.

Participaram 218 equipes, somando um total de 992 atletas. A campanha foi realizada no de 2001, e seu objetivo foi alcançado plenamente, pois mesmo com o encerramento da campanha, a comunidade esportiva conscientizou-se da importância de ser um doador de sangue e muitos continuam voluntariamente sendo doadores. (Relatório Geral, 2010).

- FAÇA UMA CRIANÇA SORRIR. Campanha realizada de 2002 a 2008 e 2010.

Nesta campanha era estimulada a doação de bolas para serem entregues a crianças carentes de Manaus. Os jogadores aos serem advertidos por faltas disciplinares durante o jogo, o atleta recebe um cartão amarelo. A cada dois cartões amarelo acumulados pelo mesmo jogador, este fica suspenso por uma partida. Para evitar a suspensão, cada cartão amarelo poderia ser trocado por bolas e a quantidade de bolas em relação ao cartão recebido era crescente de acordo com a fase da competição, funcionando da seguinte forma:

1ª. fase – cada cartão amarelo correspondia a 10 bolas a serem doadas; na 2ª. fase - cada cartão amarelo correspondia a 20 bolas a serem doadas; na 3ª. fase - cada cartão amarelo correspondia a 30 bolas a serem doadas, a

campanha encerrava-se na 4ª. fase, e a partir das oitavas de final, a permuta de cartão amarelo por bolas não era mais possível.

Com o encerramento da campanha a cada ano, tradicionalmente na primeira quinzena de Dezembro, cada equipe que efetuou a permuta de cartão amarelo por bola, recebia as bolas permutadas de volta e levava para serem distribuídas para as crianças de sua própria comunidade.

A coordenação chegou a arrecadar uma média de 22.077 bolas por competição, como nos mostra o quadro a seguir:

EDIÇÃO / ANO	QUANTIDADES DE TIMES PARTICIPANTES	TOTAL DE BOLAS ARRECADADAS
2002	806 equipes	24.550 bolas
2003	673 equipes	21.370 bolas
2004	562 equipes	23.400 bolas
2005	588 equipes	22. 470 bolas
2006	529 equipes	20. 240 bolas
2007	461 equipes	20.650 bolas
2008	428 equipes	21.860 bolas
2010	512 equipes	2.200 bolas

Quadro 02. Resultados da campanha: Faça uma criança sorrir.

Fonte: baseado em dados do Regulamento Geral 2010.

- **SOPÃO DO PELADÃO:** É realizado anualmente desde 2008, acontecendo todas as sextas-feiras durante o mês de dezembro as 11h, na sede da coordenação do Peladão, que fica localizada no Centro da cidade. São distribuídas 250 copos de 500ml, acompanhado de um pão de 50g.

As equipes participantes do campeonato colaboram com a doação dos ingredientes da sopa, carne, verduras, macarrão, feijão, e tudo mais que se pode incluir em uma sopa, enquanto outras equipes também inscritas na competição doam copos descartáveis, colheres, pães.

Desde que surgiu a campanha Sopão do Peladão, diversas equipes se sentiram sensibilizadas e passaram a realizar distribuição de sopa dentro das

suas comunidades, despertando o espírito de solidariedade e cidadania das bandeiras do Peladão que foi criado pelo jornalista Umberto Calderaro.

- CAPITÃO VERDE: criado em 2009, busca proporcionar conhecimento para os atletas do Peladão, acerca da preservação do meio ambiente. No capítulo XV Peladão Verde, artigo 91:

[...] nas diversas categorias e naipes será oferecido aos seus participantes 04 (quatro) temas em forma de palestras, proporcionando aos interessados o conhecimento necessário para que possa auxiliar na preservação do meio ambiente, contribuindo com a melhor qualidade de vida em nossa cidade. Os participantes serão diplomados e considerados “CAPITÃO VERDE”, agentes ambientais voluntários, certificados e capacitados.

A campanha Capitão Verde, acontece em parceria com a Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, ocorridas em seu auditório, sendo as palestras com temas voltados para a preservação e conservação do meio ambiente.

- PELADÃO VERDE NA ESCOLA – criada em 2010 através da parceria com escolas públicas da capital, a fim de desenvolver ações relacionadas ao meio ambiente. Os alunos de escolas previamente escolhidas recebem mudas de árvores e instruções técnicas sobre o plantio.

A edição Peladão Verde realizada desde 2009 com a execução das campanhas Capitão Verde e Peladão Verde na Escola encerraram na edição dos jogos de 2013. De acordo com o Regulamento Geral, Título I, no artigo 1º, parágrafo único e Capítulo XV, artigo 90:

Será denominado de Peladão Verde, buscando contribuir na preservação do verde em nossa cidade, melhorando a qualidade de vida, divulgando na comunidade esportiva a necessidade de valorizar e preservar o meio ambiente, transformando os “peladeiros” em veículos multiplicadores desta ideia, acreditando contribuir para que na Copa do Mundo 2014, a nossa cidade seja realmente sede da Copa do Mundo Verde.

A partir de 2014 começa a edição Peladão Vermelho¹⁸.

¹⁸ O Sr. Arnaldo Santos, preferiu não entrar em detalhes em relação a nova edição do evento, pois disse que prefere fazer e depois comentar. Mas, sabemos que novas e boas campanhas sociais vão surgir.

2.2.2 A beleza indígena das *Rainhas do Peladão*

“O homem pensa em duas coisas: futebol e mulher. Nós juntamos as duas coisas e só poderia dar certo” Kid Majhal¹⁹

O concurso de rainhas é tão importante quanto à categoria principal do Campeonato, com regulamento próprio e uma série de situações intrínsecas em torno da representante do clube. A vencedora leva uma carro 0km e ainda recebe projeção nacional e internacional e o concurso agita a cidade em busca da mais bela entre todas as candidatas que representam seus clubes.

Para muitas meninas o concurso se tornou a maior porta de entrada para quem deseja fazer carreira nas passarelas. A exemplo, a Rainha do Peladão edição de 2001, Priscilla Meirelles, foi uma entre mais de mil candidatas e após vencer o concurso não parou mais de ganhar, conquistando os títulos de Miss Brasil Globo, Miss Globo Internacional, Miss Amazonas, Beleza Amazonas, Beleza Brasil, Miss Terra e atualmente reside nas Filipinas, onde trabalha como modelo.

Para ser rainha de um clube é necessário ter mais de 16 anos e tempo suficiente para cumprir com os compromissos durante o concurso entre reuniões, ensaios, sessões de foto e filmagem e palestras e principalmente depois de eleita a Rainha do Peladão, para divulgar a marca Peladão e a beleza amazônica. (Regulamento Geral, 2010)

As candidatas são as mais variadas possíveis e como o regulamento não exclui ninguém, “o time de gordinhos Barra Pesada F.C. sempre inscreve a candidata mais gordinha de todas”, muitas são mães, a exemplo da “gari Márcia Lobo de 36 anos e cinco filhos pra criar” também não há limite de participação, “como Kelly Rodrigues que vai para sua décima participação em 2014.” (Reportagem: Arena da Amazônia troca Copa por Peladão e suas rainhas “matadoras”).

O mais importante é ter uma mulher que represente seu clube ocupando o posto de rainha. Na abertura do evento é obrigatória a presença da

¹⁹ Reportagem: Arena da Amazônia troca Copa por Peladão e suas rainhas “matadoras. site: www.uol.com.br pelo coordenador do concurso de rainhas, disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/30/arena-da-amazonia-troca-copa-por-peladao-e-suas-rainhas-matadoras.htm>, acessado em 23 de julho de 2014.

candidata, caso esta não compareça o time é desclassificado da competição, sem ao menos ter pisado em campo.

Somente os clubes da categoria principal precisam ter uma candidata que possa concorrer a Rainha do campeonato.

O primeiro compromisso das candidatas é o desfile de abertura, onde filas intermináveis de mulheres invadem o campo de futebol, um pouco de magia e sedução permeiam este desfile:

A fileira interminável de mulheres parece saída de um desvario adolescente. A camiseta do time amarrada na cintura para mostrar cintura, quadril e barriguinha. Pernas e bundas besuntadas com óleo de amêndoa para ressaltar os dotes. O resto é um biquíni mínimo e muita maquiagem nos rostos de fortes feições indígenas. (Reportagem: Arena da Amazônia troca Copa por Peladão e suas rainhas “matadoras”).

Somente os times formados por evangélicos, podem solicitar dispensa para que sua rainha não desfile de biquíni. Segundo Arnaldo Santos “As meninas são cheias de curva, da cintura para baixo elas são ótimas. Mas é da cintura para cima que a gente consegue selecionar. Tem que ser bonita e ter boa altura”, as candidatas além de desfilar em trajes de banho e vestido de gala, precisam ter conhecimentos de passarela, saber posar para fotografias, usar salto alto, ter elegância e uma base em conhecimentos gerais.

Muitos times investem em suas rainhas, tiram do próprio bolso para custear gastos com salão de beleza, cada vez que a candidata precisa se apresentar gastos com academia, para tornear ou definir o físico, sem falar dos gastos com a alimentação da candidata.

Tanto investimento se justifica pelo poder que a candidata tem de trazer o time de volta a competição, caso ela consiga boa pontuação na fase eliminatória- 3ª. fase do concurso. Participam do Paralelo das Rainhas (torneio de repescagem) 16 equipes, a vencedora tem a oportunidade de voltar para a competição nas oitavas de final.

Neste sistema de repescagem, graças ao avanço da candidata no concurso de beleza, o time Arsenal em 1998, depois de ser “ressuscitado” por sua rainha, consagrou-se campeão do Campeonato de Peladas do mesmo ano.

Os times masculinos do Peladão Indígena também precisam inscrever uma candidata a rainha. Sendo realizado um concurso só com as rainhas dos times indígenas, onde a vencedora, no caso a Rainha do Peladão Indígena concorre com as demais candidatas a Rainha do Peladão, entrando no concurso na final para disputa da coroa.

Segundo Arnaldo Santos a ideia da Rainha do Peladão foi algo muito natural, como o mesmo explica:

Como no Brasil e no mundo inteiro, sempre tem a figura de uma 'rainha'. Temos a rainha do boi, a rainha do folclore; porque não a rainha do Peladão? Juntar tudo isso no final de semana sempre foi algo muito agradável. (Entrevista concedida a autora, Março /2014).

2.3 A projeção internacional do campeonato

Um evento com proporções tão grandes, com grandes números para todos os lados, foi capaz de chamar a atenção tanto do mundo midiático, quanto do mundo acadêmico. Emissoras (em anexo) de televisão de vários locais do mundo detêm seus olhos sobre o evento que recebe o título de *Maior Campeonato de Futebol Amador do Mundo*.

Além do campeonato da categoria principal, a categoria indígena, a saber o Peladão Indígena, também desperta bastante interesse em ser visto e estudado. A lista com algumas das coberturas realizadas por emissoras de televisão e revista de diversos segmentos, encontra-se em anexo.

Pesquisadores do Brasil e do exterior vem realizando trabalhos referentes as praticas corporais indígenas, dentre estas praticas encontra-se o futebol entre os povos indígenas que vem retratando os diversos aspectos socioculturais nas comunidades. Dentre os pesquisados que se debruçaram em tal fenômeno cultural estão: Beleni Grando (UFMT); Jose Ronaldo Fassheber (UNICENTRO); Marina Vinha (UCDB); Maria Beatriz Rocha Ferreira (UNICAMP); Artemis Soares (UFAM); Fernando Fedola Vianna; Artur de Almeida (UNB); Dulce Suassuna (UNB).

CAPITULO 3 - UM OLHAR SOCIOCULTURAL – os elementos e as figuras que fazem do Peladão Indígena o motivo de ser.

3.1 Jogar futebol tornou-se uma mania? A motivação da continuidade

De acordo com a FIFA (Fédération Internationale de Football Association) somos o segundo país no mundo com maior número de times de futebol registrados. Também não podemos deixar de negar que temos cerca de 11,2 milhões de jogadores de futebol não registrados contra os 2,1 milhões de jogadores registrados nas 27 federações existentes no país, e não podemos deixar passar despercebido que a presença do futebol é tão marcante na paisagem brasileira que não há uma vila, aldeia indígena, mosteiro religioso ou penitenciária sem um campo de futebol.

Joga-se nos campos gramados, nos campos sem grama, na terra batida, e até na várzea, na rua em frente a casa, ou mesmo dentro de casa, onde houver um pequeno espaço, de chuteiras ou descalços, uniformizados ou descamisados, o que importa é jogar. Sem falar que o mesmo é tema presente na política, na moda, na culinária, nas artes plásticas, no cinema, na literatura, no teatro, e até na música popular.

Muitos são os motivos e os fatores que levam uma pessoa a integrar um time de futebol. Esses podem ser pessoais, como a prática de atividade física, ou, a vontade de ficar em forma, querer elevar a autoestima, melhorar a qualidade de vida, ou mesmo conseguir uma namorada, e melhor ainda se for à companhia dos amigos. Os motivos podem ser familiares quando o pai, o avô, ou o irmão jogam neste time ou quando o time é da família.

A motivação também pode ser determinada por alguns fatores que podem ser econômicos, social, cultural e/ou desportivo. Por exemplo, o prêmio em questão, ou fazer parte daquele grupo, ter a oportunidade de vivenciar o esporte e de falar sobre, e talvez o de maior relevância, que é a prática do lazer.

O futebol e suas nuances são temas recorrentes no âmbito da pesquisa dentro dos diversos campos dos saberes, dentre estes há um tema que está

em franco crescimento, o futebol praticado pelos povos indígenas e as investigações partem desde os rituais e danças até aos ornamentos, práticas corporais e comilanças e beberes. Atualmente do norte ao sul do país existem pesquisadores que estão se dedicando a esta tarefa, com publicações a nível local, nacional e internacional.

Nos últimos dez anos no Amazonas vêm crescendo expressivamente o número de eventos voltados aos povos indígenas, alguns com edições esporádicas outros com certa periodicidade, entre os quais o Campeonato de Peladas dos Povos Indígenas - Peladão Indígena - realizado há sete anos de forma ininterrupta e que hoje se faz presente no calendário das comunidades e povos indígenas.

De acordo com dados gerados na pesquisa através de entrevistas semiestruturada ficou evidenciado que existe mais de um motivo para que tanto os atletas quanto as equipes retornem ano após ano para participarem do Campeonato.

Dentre os principais motivos, destacamos: fazer novas amizades e praticar um esporte; como segundo, encontrar os parentes e ganhar a premiação, como mostra o gráfico 1.

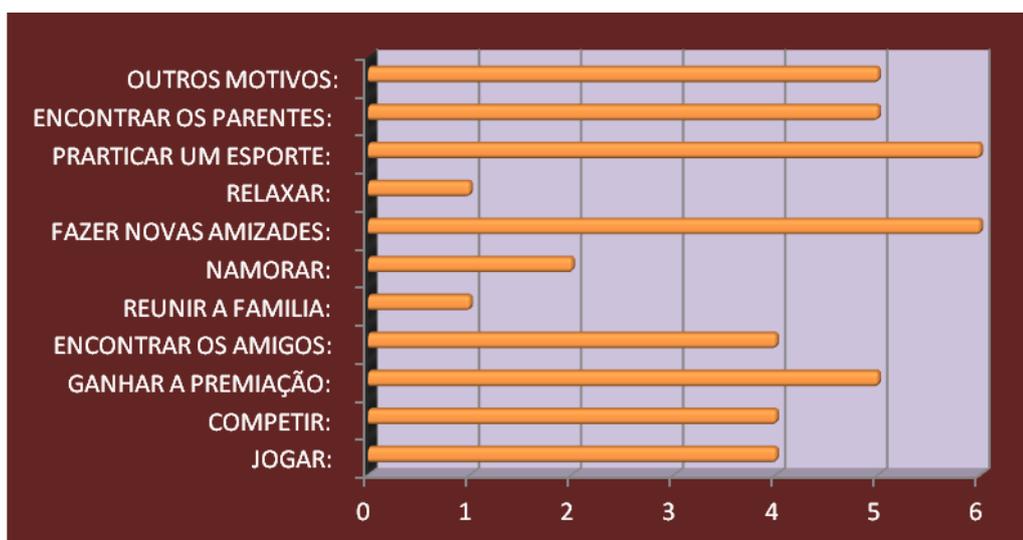


Gráfico 1: Os motivos de quem participa do Peladão Indígena

As lideranças dos times e os jogadores que participam ininterruptamente do evento apresentam outros motivos para tal continuidade, para eles o motivo

que mais tem peso é o fator da representatividade enquanto indígenas frente ao poder público e comunidade amazônica geral. Corroborando com as respostas dos líderes dos times indígenas, Grando (2005, p.180) argumenta que:

Como prática corporal, isto é prática social, o futebol possibilitou em nosso país a integração entre a diversidade, calando inúmeras vezes as contradições sociais e econômicas pra criar uma identidade coletiva, a brasileira.

Conseguir reunir os parentes, de jovens a idosos, homens e mulheres de forma organizada e prazerosa, com data e horários previamente determinados em um evento que ocorre com duração de dois a três meses, contribui bastante para que não só a mídia e a sociedade tenham conhecimento da existência deles dentro da cidade, mas também para o fortalecimento da cultura indígena dentro da própria comunidade.

Quando os jovens veem os mais velhos, no caso os pais, amigos e parentes de outras comunidades se apresentarem com seus adornos, conversando às vezes na língua materna, com naturalidade e orgulho de ser indígena, desperta neles também a vontade de dizer para o mundo que são indígenas e esse fator favorece a perpetuação das culturas amazônicas, *Tikuna, Sateré, Baré, Munduruku, Kokama* entre outras. Esta colocação pode ser compreendida através do que explica Grando (*op.cit.*)

Se, por um lado, os jogos que vêm ocorrendo em várias cidades brasileiras são estratégias para atrair turistas e fazer políticas dos não índios, por outro lado, os jogos também são estratégias que tem ajudado, no interior das aldeias em que não há mais práticas corporais que possibilitam a educação dos jovens na cultura tradicional (como os eventos vivenciados entre os Bororos de Meruri). Esses acabam por motivar os jovens a aprenderem sobre as pinturas tradicionais, os ornamentos e suas danças, pois sem elas não há o que mostrar como identidade que o não índio reconhece como sua, (p.184).

Como podemos perceber no gráfico 2, todos os entrevistados apresentaram os mesmos motivos para terem participado em edições anteriores do evento Quando perguntados se os motivos que o levaram a participar nos outros anos foram os mesmos que apresentaram para a participação neste ano, 100% dos entrevistados responderem afirmativamente.

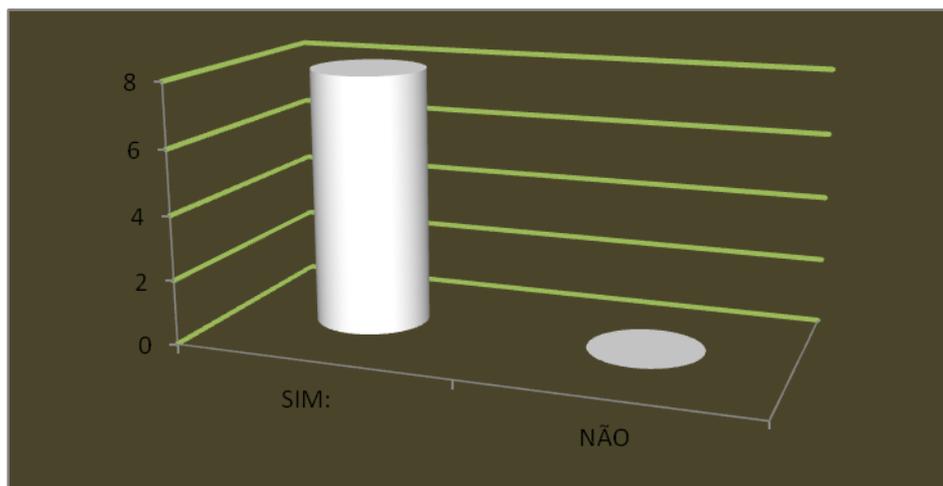


Gráfico 2: Os motivos de quem participou do Peladão Indígena em edições anteriores são os mesmos motivos para participação na edição atual.

Neste jogo polissêmico do espetáculo para o outro, assim como ocorreu com o jogo de futebol analisado em minha pesquisa, o “nós” busca espaço e forma de constituir-se para se identificar como diferente e único (*op.cit.*)

Talvez, seja essa a razão dos participantes do Peladão Indígena, retornarem ano após ano, motivados pelo mesmo interesse, o de ser uma cultura única e diferenciada. A figura 2 demonstra a valorização da cultura por meio de uma prática tradicional, o grafismo.



Figura 2- Indígena pintando grafismos no Peladão Indígena.

Fonte: http://acritica.uol.com.br/craque/Finais-Peladao-Indigena_5_384611539.html.

3.2 Os elementos socioculturais que mantêm o Peladão Indígena como principal encontro étnico-desportivo e cultural em Manaus.

O futebol é um fenômeno social total, segundo Mauss, o que agrega e mantém várias instâncias da sociedade em funcionamento, como a economia, a família, a religião, a política, a cultura. Dentro do Peladão Indígena, enxergamos todos estes elementos sociais e culturais em funcionamento de forma nítida.

Tanto as lideranças indígenas, quanto os demais atletas - homens e mulheres – representam sua cultura através de pinturas corporais (no rosto, braços, pernas, costas), utilização de adornos, como cocar, pulseiras, colares, e instrumentos diversos, flautas, tambores confeccionados por eles próprios. Como observamos na fala de Soares (2014):

A maneira de ser dos ameríndios é também reforçada durante o Peladão através do uso de hábitos com suas próprias culturas. Ela transforma o espaço do jogo no lugar de uma vida autêntica de seus valores de identidade, além da renovação do sentimento de pertença ao grupo. (p. 185)

Cada família ou grupo comunitário que chega ao campo 2 da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, traz algo para vender, desde bebidas enlatadas, salgadinhos industrializados, din-din, até carnes e peixe para churrasco, bolos, bombons, balas e pirulitos. Em dias de jogos, muitos aproveitam para “fazer dinheiro”.

Há também a situação das comidas e bebidas típicas, como o caxiri e a farofa de formiga, não são comercializados, alguns trazem e compartilham com os demais parentes, da comunidade e de fora dela.

De acordo com a fala dos participantes do evento um dos fatores que mais foi mencionado é o encontro com os parentes e a reunião em família.

3.2.1 O encontro com os parentes e a família

Nem todos os indígenas que residem em Manaus nasceram aqui. Muitos vieram de suas comunidades do interior do Estado, diversos são os motivos. E quando de sua residência na comunidade, eles tinham a oportunidade de encontrar os parentes, amigos e familiares diariamente ou sempre que quisessem, caso morassem distante de uma comunidade ou outra.

Motivados a estar em contatos com os demais membros da família (de laços sanguíneos ou fraternos), como nos indica o gráfico 3, metade dos entrevistados costuma ir aos jogos acompanhados da família ou do time.

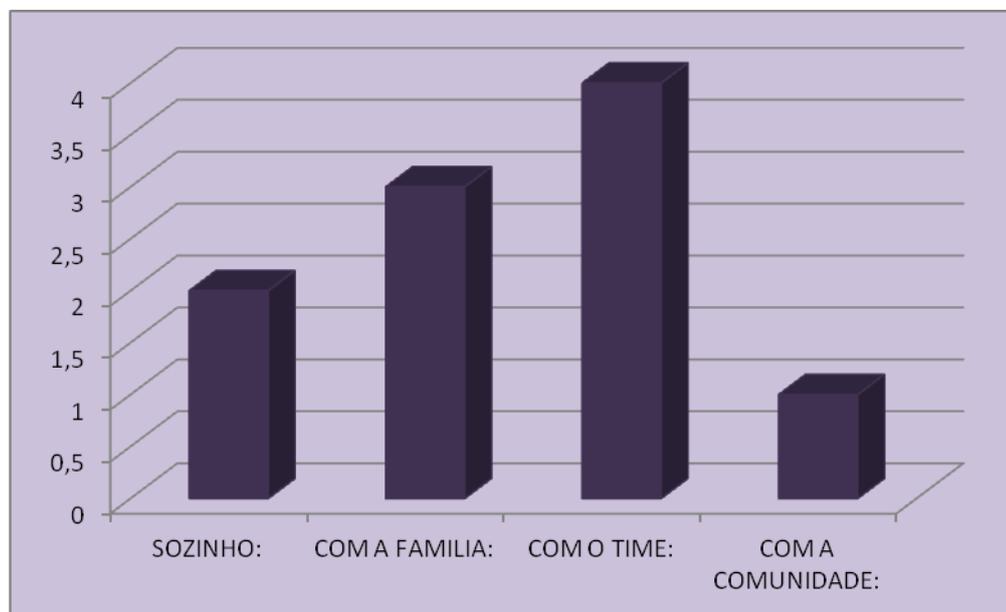


Gráfico 3: com quem os atletas vêm para o Peladão Indígena.

Outro fator que representa bem a importância do Campeonato para os povos indígenas enquanto encontro étnico-desportivo é a forma como constituem os times.

As equipes participantes do Campeonato de Peladas dos Povos Indígenas - Peladão Indígena - apresentam uma variabilidade de seus praticantes, sendo ora formadas apenas por representantes de um mesmo grupo étnico, ora representando uma determinada comunidade constituída por uma diversidade de etnias, e às vezes tendo em um mesmo time representantes de várias comunidades e etnias. A motivação ou o fator preponderante para este tipo de organização é descrito por Soares (2014, p.185) em seu trabalho sobre o futebol com os povos indígenas:

Na organização de equipes e a competição por si só, a comunidade põe em evidência muitos elementos da cultura tradicional e representações cosmológicas como a constituição de equipas várias vezes baseadas em laços de família e nas relações de gêneros, o lugar onde a terra está situada na aldeia, mas também as premiações.

3.2.2 O papel da mulher atleta

Quando se ouve falar em futebol, logo se imagina que os times são constituídos por homens. Normal pensar assim?! Não, pelos menos não no Peladão, onde existem duas categorias exclusivamente para as mulheres mostrarem toda sua garra e paixão pelo futebol, o Peladão Feminino e o Peladão Indígena Feminino.

De acordo com dados do Peladão, a categoria Peladão Feminino, com uma média de 38 times inscritos e participantes em cada edição, apresenta muito mais clubes que o próprio Campeonato Brasileiro feminino, assim como a categoria Peladão Indígena Feminino tem seus números crescentes anualmente.

As jogadoras conquistaram seu espaço no cenário do futebol amazonense, pois além de desempenharem a função de mãe, esposa, trabalhadora conquistaram o espaço, antes visto por muito como exclusivo do mundo masculino.

Muitas jogadoras levam seus companheiros, filhos, pais e amigos para prestigiarem seu papel de jogadoras de *pelada*.

No Peladão indígena Feminino, nossas bravas índias guerreiras tem total liberdade para tal prática diferentemente de outras mulheres indígenas ao redor do país, que não podem jogar futebol. Como nos indica em sua obra Fassheber (2010, pp.117-8):

Ângela Sacchi (1999) fez uma etnografia à respeito das Kaingang da terra indígena Mangueirinha “[...] ela não anotou a participação das jovens mulheres Kaingang no futebol daquela TI. Mas o futebol feminino, tal como existe entre outros povos indígenas, é notório entre as Kaingang. Mas, há restrições destes povos indígenas em relação à participação feminina. Alguns sequer permitem-nas como anotado por Naveira (2006, p.32) entre os Yawanawa, “jogado só por homens, mas assistido por todos” ou por Castro (2006, p 29) entre os Karitiana “mesmo proibidas de jogar, as mulheres não deixam de acompanhar seus maridos.

Mas essa situação não se reflete como unanimidade no Brasil, pois assim como nossas atletas guerreiras, outras mulheres indígenas também tem o prazer de jogar uma partida de futebol, como nos relata Vianna (2002) *apud* Fassheber (2010), em trabalho realizado entre os Xavantes, quando constatou

que o futebol feminino apesar de pouco presente, também era jogado pelas mulheres.

Durante o trabalho de campo constatamos que os times femininos não apresentam qualquer restrição para participação nos jogos, sendo visto com frequência mulheres de várias idades, casadas ou solteiras, com filhos, as vezes pequenos que precisavam ser amamentados durante o intervalo dos jogos, outras vezes dividindo a mesma camisa com suas filhas, como no caso das *Sateré-Mawé*. A figura abaixo mostra um jogo feminino, repleto de emoções.



Figura 3-Emoção na final do Peladão indígena 2010.

Fonte: http://acritica.uol.com.br/craque/Finais-Peladao-Indigena_5_384611539.html.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paixão do brasileiro pelo futebol é de conhecimento de todos. Com os Amazonenses não seria diferente. Mas na verdade há diferenças no sentimento, mas a paixão aqui no coração da Amazônia é demonstrada pela busca de participação em competições. Em Manaus é realizado há 40 anos o maior Campeonato de Peladas do país, quem sabe do mundo.

Os números impressionam: mais de mil times inscritos, seis categorias diferentes, um concurso de beleza com mais de quinhentas mulheres participando, campanhas sociais que movimentam todo o cenário da capital, clubes formados em todas as classes sociais, homens, mulheres, crianças e indígenas disputando o título da forma mais democrática possível. Esse é o Pela dão!

Diante do envolvimento de elementos sociais, culturais e desportivos, podemos enxergar o Peladão como um fenômeno sociológico, e que pode ser estudado enquanto problema de pesquisa. São tantas as nuances e facetas com que o evento se apresenta que é até difícil se definir por uma delas.

Nas últimas duas décadas tem crescido o número de pesquisas em torno do futebol em nosso país. E nós diante do maior Campeonato de Peladas não poderíamos deixar passar despercebida tamanha riqueza sociocultural.

O Torneio mostra o esporte enquanto elemento agregador, pois reúne enorme número de participantes que não medem esforços para se deslocarem de vários pontos de Manaus e região metropolitana; mostra o exercício da solidariedade através das campanhas sociais, que despertam o sentimento de autoestima por pertencer a uma comunidade, além da oportunidade de se sentir valorizado ao ajudar o próximo.

O futebol enquanto pano de fundo desta pesquisa se mostrou envolvente, pelo fato de suas práticas serem de fácil assimilação. Outro fator importante é o papel social que exerce na vida de seus praticantes, pois para os indígenas, tanto os atletas quanto os que vêm apenas para assistir, fazem do evento palco de sua afirmação étnica e cultural, pois através da percepção e visibilidade do evento, eles se reafirmam enquanto indígenas, para eles próprios e para a comunidade em geral.

É exercida também uma confirmação do ser “índio de direito”, mesmo habitando na capital amazonense, trabalhando e estudando como os não índios. Durante sua participação nos jogos do Peladão eles tem espaço, tempo e sobretudo orgulho de ser índio.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Arthur José Medeiros de. **Esporte e cultura**: esportivização de práticas corporais nos jogos dos povos indígenas. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.

BENTO, Jorge Olímpio; GARCIA, Rui; GRAÇA, Amandio. **Contextos da Pedagogia do Desporto**. Coleção: Horizonte de Cultura Física, 1999.

BERNAL, Roberto Jaramillo. **Índios urbanos**: processo de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus. 3ª série. Manaus: Editora da universidade Federal do Amazonas/ Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2009. 336p.

Bracht, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução . 3.ed. — Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. — 136 p. — (Coleção educação física).

CAILLOIS, Roger. **Los Juegos Y Los Hombres** - Lá máscara y elvértigo. México: Fondo da Cultura Económica, 1994.

CAMPOS, André. **Índio na Cidade**. 13/03/2006. Disponível em: <http://www.reporterbrasil.com.br/exibe.php?id=520>. Acesso em 22 de abril de 2014.

CHAVEZ. Alexandre Marco Araújo. **“Que coisa mais linda é uma partida de futebol”**: significados sociais no ato de torcer por uma equipe de futebol profissional. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas, 2013.

CONSELHO DE MISSÃO ENTRE ÍNDIOS. Cartilha. **Povos indígenas em espaços urbanos**. Editora Oikos Ltda, 2008.

COSTA, A. **Sociologia do Desporto**, Relatório de Disciplina. Porto, FCDEF, 1995.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.**, Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre –RS, 1998.

DAMATTA, R. **Carnavais Malandros e Heróis**. Rocco. Rio de Janeiro, 1998.

DAMATTA, R. et al. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, 1982.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: educação Física e Futebol**. Campinas, SP: EDUNICAMP, 1997.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. – (Coleção polemicas do nosso tempo).

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

FASSHEBER, Jose Ronaldo Mendonça. **Etno-desporto: a antropologia social e o campo entre os Kaingang**. Brasília: Ministério do esporte/ 1º Prêmio Brasil de esporte e lazer de inclusão social, 2010.

FASSHEBER, José Ronaldo. **(re-) Pensando a Educação Física Indígena**. In: VEIGA, Juracilda; ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz (org.). Desafios atuais da educação escolar indígena. Campinas, SP:ALB, Núcleo de cultura e educação indígena; [Brasília]: Ministério do Esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, 2005.

GARCIA, Rui. **Antropologia do esporte**. Editora Vhape. Rui Garcia, 2007 – RJ

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GENTIL, Gabriel dos Santos. **A minha História: Gabriel Gentil**. Centro de Pesquisas Leônidas e Maria Deane. FIOCRUZ/AMAZONIA. Manaus, Março, 2005.

GRANDO, Beleni, S. **Jogos dos Povos Indígenas: tradição, cultura e esporte na escola**. In: VEIGA, Juracilda; ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz (orgs.). Desafios atuais da educação escolar indígena. – Campinas, SP: ALB, Núcleo de cultura e Educação Indígena; [Brasília]: Ministério do esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, 2005.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol - Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York – Columbia University Press., 1978.

HUIZINGA, Joham. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 6 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

MANDELL, Richard. **História cultural del deporte**. Barcelona, Edicions Bellaterra. 1986.

Mauss, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac &Naify, 2003

MURAD, Mauricio. **Dos Pés à Cabeça**: elementos básicos de sociologia do futebol. Editora: Irradiação Cultural, 1996.

MURAD, Mauricio. **A história social do futebol brasileiro**: alguns elementos para a sua compreensão. In: GARGANTA, Júlio; OLIVEIRA, José; MURAD, Mauricio. Futebol de muitas cores e sabores: reflexão em torno do desporto mais populares do mundo. Porto, Portugal. Editora: Campo da letras, 2004.

PRADO, Décio de Almeida. **Seres, Coisas, Lugares: do Teatro ao Futebol**. São Paulo SP, 1994.

RELATÓRIO GERAL. **Peladão Verde**. 2010.

ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz et ali. **Cultura corporal indígena**. In: COSTA, Lamartine Pereira da (Org.). Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape Editora e promoções. 2005, p.35-36.

SILVA. Heloisa Helena Correa da. **Índigenas urbanos uma questão social no contexto da cidade de Manaus**. Relatório de Pesquisa. CNPq. Universidade Federal do Amazonas, 2008.

SOARES. Artemis O futebol indígena em Manaus – avanços do torneio Peladão. IN: SOARES, Artemis (Org.). Efeitos dos eventos esportivos nas práticas tradicionais. Manaus; EDUA, 2014

SOUZA, Adenildo Vieira de; SOARES, Artemis de Araújo. **Jogos indígenas de Manaus**: disputa de provas tradicionais no meio urbano. Revista Digital, Buenos Aires- Ano 18- nº 180, p. 1-4, Mayo de 2013. Disponível em : <http://www.efdeportes.com/efd180/jogos-indigenas-de-manaus.htm>. Acesso em 10 de Abril de 2014.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação física, esporte e diversidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. – (coleção educação física e esportes).

TERENA, Marcos. **Cidadão da selva**: a história contada pelo outro lado. Rio de Janeiro: Gráfica JB, 1992.

TICUNA, Sandro (2011). **Índios em Manaus ou índios urbanos de Manaus**. Disponível em: <http://realezaticuna.blogspot.com.br/2011/03/indios-em-manaus-ou-indios-urbanos-de.html?view=magazine>. Acesso em : 20 de jun. de 2014.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1992.

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte**. São Paulo. Brasiliense, 2006

VAZ, A.L. Da Matta. O Futebol como drama e mitologia. In: PRONI, M.; LUCENA, R. Esporte, História e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **Identidade Indígena no Brasil Hoje**. Disponível em: <http://www.geomundo.com.br/Flor%C3%A0ncio%20Almeida%20Vaz%20Filho.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2014.

VIANNA, Fernando Fedola de Luiz Brito. **A bola, os “brancos” e as toras: futebol para índios xavante**. São Paulo: USP, 2002. 377 p.(Dissertação de Mestrado).

VINHA, Marina. **Retomada dos valores tradicionais vinculados à cultura corporal**. In: VEIGA, Juracilda; ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz (org.). Desafios atuais da educação escolar indígena. Campinas, SP:ALB, Núcleo de cultura e educação indígena; [Brasília]: Ministério do Esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1979. "**A Fabricação do Corpo na Sociedade Xinguana**". Boletim do Museu Nacional, 32:2-19.

ANEXOS

Reportagens Nacionais e Internacionais sobre o Campeonato de Peladas

- REVISTAS:

ÍCARO: revista de bordo Varig, reportagem Peladão 2002

Título: “Ícaro é o Peladão”, Novembro de 2002, pgs 44 a 50;

PLACAR: reportagem especial

Título: O maior Campeonato de Peladas do Mundo, Agosto de 2004, 13pgs;

THE BEAUTIFUL: reportagem the beautiful game: footballer and beauty queens
“Peladão: Rainhas e Peladeiros”. Peladão 2006.

- REVISTAS ELETRÔNICA:

PLACAR: reportagem especial, Pedro Henrique, Novembro de 2009

Site: <http://jornalplacar.abril.com/peladao>

PLACAR: reportagem especial, Marcos Lauro, Janeiro de 2010

Site: http://jornalplacar.abril.com.br/materiais/alvorada-vence-peladao-2009-216009_p.shtml

- FILME

Documentário

Produtora: 02 Filmes

Imagens: Peladão 2004

Roteiro: parte do filme documentário sobre o futebol do Brasil;

Título provisório para exibição internacional: “Brazilian Ginga”

Documentário

Título: O Futebol como deus criou- O Peladão de Manaus

Filmado em 2005

Dirigido pelo alemão Albert Knechtel

Escrito por: Albert Knechtel e Alex Bellos

Produtor: Chicão Fill/Brasil

Conquistou 02 prêmios importantes:

- Melhor Documentário Esportivo no Festival Santander 2007

- Melhor Filme Esportivo, prêmio “Best Film” no Sportfilmfestival 2008 em Palermo – Itália.

Site: <http://www.sportfilmfestival-palermo.com/new%20home.htm>

PROJEÇÃO INTERNACIONAL

- TELEVISÃO

RAI

Roma – Itália

Documentário Peladão 2000

Tempo: 45 minutos, exibido em rede nacional;

BBC

Londres- Inglaterra
Documentário Peladão 2001
Tempo: 30 minutos

France 5
Paris-França
Tempo: 60 minutos em rede nacional

Jornal:
L'équipe Magazine (Paris – França)
Reportagem Peladão 2004
Fevereiro de 2005

Revistas:
GQ The Conde Nast Publication (Londres – Inglaterra)
Reportage: Peladão 2001

Loft 21
Miami USA
Reportage: Peladão 2003
Jonathan Franklin
Março de 2004, paginas 62 a 66.

Filmes:
Produtora LUNACY Film (Hamburgo – Alemanha)
Documentário Peladão 2004
Equipe: Jorn Schoppe, Stefan Deustchmann, Paul Paulon, Roland Faber e Clóvis Gunther.

Televisão ZDF – Alemanha
2DF Sport – reportage
Diretor: Albert Knechtel & Felix Sorge
Produtor Brasil: Chicão Fill
Amazon Film Productions/ Manaus – Am/ Brasil

Discovery Channel – USA
Atlas – Discovery – Peladão de Manaus 2006
Produtor Manaus: Chicão Fill
Amazon Film Productions/ Manaus – Am/ Brasil

National Geographic Channel
Peladão 2007 – 18.07.07

TV ARD – Alemã
Peladão 2008
SPN – documentário
“Peladão Verde 2010 Indígena”
Repórter: Marcelo Gomes
Cinegrafista: Sidney da Mata.

TRABALHOS ACADÊMICOS SOBRE O CAMPEONATO DE PELADAS

Tese de Doutorado:

Universidade do Porto (Faculdade de Ciência do Desporto e de Educação Física)

Tema: Um estudo de caso sobre o Campeonato de Peladas do Amazonas – Peladão

Autoria: Prof. Dr. Sidney Neto

Tese de Doutorado:

Universidade Federal do Paraná

Tema: uma geografia do futebol amador: Espaços de representação do futebol Amazonense a partir do Peladão.

Ano: 2009

Autoria: Fernando Rosseto Gallego Campos.

Pesquisa Pós-Doutoral:

Universidade Federal do Amazonas – UFAM (Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF/UFAM)

Tema: “a Sociomotricidade Desenvolvida através do Futebol praticado por povos indígenas habitantes em Manaus – estudo com base nas teorias de Pierre Parlebas”

Pesquisadora Responsável: Prof.^a Dr.^a Artemis de Araújo Soares.

IMAGENS DA ABERTURA DO CAMPEONATO DE PELADAS



Figura 1-Das 512 candidatas, 120 foram classificadas (Foto: Evandro Seixas)



Figura 2-Belas disputam a coroa de rainha do Peladão Verde 2013

http://acritica.uol.com.br/craque/Manaus-Amazonas-Amazonia-Futebol-Amazonas-Manaus-Cidades-Peladao-desfile-rainha-jogos-abertura_0_984501585.html



Figura 3-Tudo pronto para a II semifinal do concurso de Rainhas do Peladão Verde
http://rainhadopeladao.blogspot.com.br/2011_11_01_archive.html



Figura 4- Chegada da Rainha do Peladão na abertura do evento
<https://www.google.com.br/search?q=rainha+do+pelad%C3%A3o+chega+de+hecoptero&tbm>

IMAGENS DO CAMPEONATO DE PELADAS DOS POVOS INDÍGENAS



Figura 5- imagem com as candidatas a Rainha do Peladão Indígena Feminino
<https://www.google.com.br/search?q=pelad%C3%A3o+indigena+de+manaus+--+fotos>



Figura 6-Pintura corporal.
<http://revistatrip.uol.com.br/revista/206/reportagens/cade-a-pelada.html#13>



Figura 7- jogo pela categoria Indígena Feminino.
<http://revistatrip.uol.com.br/revista/206/reportagens/cade-a-pelada.html#14>



Figura 4-menino assistindo os pais competirem.
<http://revistatrip.uol.com.br/revista/206/reportagens/cade-a-pelada.html#9>



Figura 5-Torneio de várzea faz índios sonharem
<http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/copa-do-mundo/2013/12/01/torneio-de-varzea-faz-indios-sonharem-com-selecao.htm>